

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

JANAINA LUIZA DOS SANTOS

**Revisão documental da literatura científica sobre
educação para a morte a docentes e discentes de
Enfermagem**

Ribeirão Preto

2009

JANAINA LUIZA DOS SANTOS

**Revisão documental da literatura científica sobre
educação para a morte a docentes e discentes de
Enfermagem**

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título Mestre em Ciências, Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de Pesquisa: Educação em saúde e formação de recursos humanos.

Orientador: Prof^a.Dr^a. Sonia Maria Villela Bueno.

Ribeirão Preto

2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Janaina Luiza dos.

Revisão documental da literatura científica sobre educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem / Janaína Luíza dos Santos ; orientador Sonia Maria Villela Bueno. - Ribeirão Preto, 2009.

63 f.; 33 cm.

Tese (Mestrado) apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP., 2009.

1. Enfermagem. 2. Morte. 3. Ensino. 4. Docente. 5. Discente.
I. Sonia Maria Villela Bueno, II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SANTOS, Janaina Luiza dos.

Revisão documental da literatura científica sobre educação para a morte a docentes e discentes de Enfermagem

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título Mestre em Ciências, Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em//

Banca Examinadora

Prof. Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Dedico a minha pequena Maria Luiza e que mesmo sem entender muito bem o motivo das horas subtraídas do convívio com a mãe, esteve presente com paciência e compreensão de gente grande. Você será sempre o motivo de minha força para caminhar

Aos meus pais, com muito amor, por acreditarem sempre em mim, pelo carinho, por ter que suportar a distância, e mesmo assim estarem ao meu lado em todo momento da minha vida. Não seria nada sem a ajuda de vocês.

Ao meu marido, por agüentar todas minhas crises emocionais e não desistir. Estar perto tentando a todo o momento me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus maravilhoso, pois, sem ele nada seria ou faria. Minha vida esta vinculada aos seus designos.

A Profª Drª Sonia Maria Villela Bueno, por acolher-me em um momento de grande dificuldade, confiar no desenvolvimento deste trabalho e me orientar até o final.

A Profª Drª Magali Roseira Boemer por acreditar em mim e me ajudar montar o projeto no qual fui aprovada para cursar esse mestrado.

A Profª Drª Adriana Kátia Correa por aceitar-me a princípio como orientanda, pois a Profª Boemer estava se afastando.

A Profª Drª Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi por no momento em que estava perdida e não sabia o que fazer guiou-me até uma solução para conseguir terminar meu mestrado.

Aos meus grandes amigos Rodolfo e Glaucia Ferreira, por serem meus exemplos e incentivadores, para chegar até aqui.

Aos grandes amigos que conquistei em Ribeirão Preto Gabriela Vasters, Lilian Junqueira, Michele Miyauti, Janaina Junqueira, Renata Leite e Elaine Marcussi, pois, me ajudaram fazer com que esse trabalho tomasse corpo além de me incentivarem e não deixarem-me esmorecer

A todos os outros amigos que conquistei, e que apesar de não gostarem muito de escutar eu falando desse tema, suportaram-me como incentivo.

A todo pessoal da Secretaria da Pós graduação que muito me ajudaram. Principalmente a Kethleen Sampaio e Flávia Martins que tiveram muita paciência sempre que precisei.

A todas as meninas da secretárias do Departamento de Psiquiatria, pois sempre estiveram disponíveis para qualquer problema.

E finalizando a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram para conquistar essa batalha, que não foi fácil, mas, que começa findar-se nesse momento.

VIDA...

Eu nasci, cresci, muitas alegrias trouxe, muitas tristezas vivi...

Caminhei por longos caminhos, me formei, de muitos cuidei...

Hoje sou Mulher, sou amante, me tornei Mãe, tenho um Amor incondicional e constante...

Vou envelhecer e percorrer o declínio deste viver, escrevendo as páginas do meu livro, então compreendendo a complexidade do meu ser findando nas últimas páginas do livro da vida com o meu

MORRER.

Janaina Luiza dos Santos

RESUMO

SANTOS, J. L. **Revisão documental da literatura científica sobre educação para a morte a docentes e discentes de Enfermagem.** 2009. 51f. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

A Morte, ao menos na grande maioria das culturas do Ocidente, seja por questões pessoais, sociais, e/ou religiosos não se apresenta como tema preferido dos cidadãos, tampouco costuma ser tratada com naturalidade. Mas, se é assim, como se apresentam aqueles que todos os dias, por força do seu ofício, precisam conviver e enfrentar a questão da Morte? Qual o significado que ela assume para esses profissionais? Seriam essas pessoas diferentes das demais? Elas não se importariam com a Morte, do mesmo modo que a maioria das pessoas? Não seriam seres humanos? Por tantas interrogações, objetivamos então, levantar dados da literatura científica identificando como a temática morte vem sendo abordada na formação acadêmica de Enfermagem. A metodologia utilizada foi à qualitativa, com um estudo exploratório documental, caracterizando-se na pesquisa bibliográfica. As bases de dados acessadas foram MEDLINE, LILACS, BIREME, SCIELO, BDNF e a Biblioteca Central de Ribeirão Preto-USP, durante um período de cinco anos (2005, 2006, 2007, 2008, 2009). Utilizamos como palavras chave: **“Educação a Morte e o morrer e Docente e discente de Enfermagem, Morte e o morrer”** As buscas se deram no período de julho a outubro de 2009. Foram encontrados 12 artigos em periódicos com qualis A₁, A₂ e B₁, B₂. Ainda encontramos quatro capítulos de dois livros diferentes, abordando a temática da morte na formação acadêmica dos alunos de graduação em enfermagem. Emergiram então, três categorias para revisão de literatura dos livros e três categorias para revisão de literatura dos artigos respectivamente: **1 A morte e a tentativa de conceituá-la; 2 A tanatologia e a Universidade; 3 A formação acadêmica dos Enfermeiros sobre a temática morte-morrer; e; 1 Os discentes de enfermagem e o convívio com a morte; 2 O docente em enfermagem convivendo com a morte e as habilidades para ensinar; 3 A formação acadêmica dando suporte para visão crítico-reflexiva sobre a temática morte-morrer.** Consideramos, portanto, que apesar de estarem havendo investimentos, esses ainda são ínfimos, em relação à necessidade da formação dos acadêmicos de enfermagem e que esses investimentos sejam publicados com maior frequência para toda comunidade, e que haja uma mudança de conduta neste sentido, na formação do futuro enfermeiro, e que novos estudos possam aprofundar o conhecimento na temática morte e morrer assim, trazendo efetivas mudanças para a realidade atual.

Palavras-chave: enfermagem, Brasil, morte, ensino, docente, discente.

ABSTRACT

SANTOS, J. L. **documentary review of scientific literature about death education for teachers and students of nursing**. 2009 51f. Thesis (master nursing school in Ribeirão Preto, University of São Paulo, 2009

Death, at least in the vast majority of Western cultures, either on personal, social issues, and/or religious is not the people's preferred theme, nor treated as a natural subject. But, if so, how those who, by their own work reality, need to live and face the death every single day? What it means for these professionals? Are those people different from others? Don't they care about death, the same way the majority of people does? Weren't they human beings? Due so many questioning, our objective is to search the scientific literature identifying how the thematic of death has being treated in the academic nursing training. The methodology used was the qualitative, with a documental exploratory study, characterized on the bibliographic search. The databases accessed were MEDLINE, LILACS, BIREME, SciELO, BDEF and Central Library of Ribeirão Preto-USP, during a five years period (2005, 2006, 2007, 2008, 2009). We use as keywords: "**education death and dying and teaching and learning of nursing, death and dying**". The searches were made from July to October 2009. Were found 12 articles in periodical with qualis A1, A2 and B1, B2. Were also found four chapters of two different books, dealing with the theme of death in academic training of graduate students in nursing. Then, three categories appeared for literature review of books and three categories for literature review of articles respectively: **1 The death and the attempt to classify it; 2 The thanatology and the University; 3 The academic training of nurses on the death-die thematic; and; 1 the nursing students and the daily contact with death; 2 the nursing faculty and the conviviality with death and the skills to teach; 3 the academics graduation supporting the critical reflective vision about death-die thematic**. We therefore believe that, in spite of having investments, they are very small yet, in relation to the necessity for the training of nursing academics, and also that these investments be published more frequently for the whole community, and that the behavior change in this way, in the training of future nurse, and that new studies can enhance the knowledge in death and dying thematic, bringing effective changes to the current reality.

Key words: nursery, Brazil, death, education, teachers, students

RESUMEN

SANTOS, J. L. **Revisión documental de la literatura científica sobre educación para la muerte destinada a los docentes y estudiantes de enfermería.** 2009. 51f. Disertación (Maestría) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, 2009.

La Muerte, al menos en la grande mayoría de las culturas del Occidente, sea por cuestiones personales, sociales, y/o religiosos no se presenta como tema preferido de los ciudadanos, tampoco suele ser tratada con naturalidad. Pero, si es así ¿cómo se presentan aquellos que todos los días, por fuerza de su oficio, necesitan convivir y enfrentar la cuestión de la Muerte? ¿Cual el significado que ella asume para esos profesionales? ¿Serían esas personas diferentes de las demás? ¿Ellas no se importarían con La Muerte, como la mayoría de las personas? ¿No serían seres humanos? Por tantas interrogaciones, objetivamos entonces, levantar datos de la literatura científica identificando como la temática muerte viene siendo abordada en la formación académica de Enfermería. La metodología utilizada fue a la cualitativa, con un estudio exploratorio documental, caracterizándose en la investigación bibliográfica. Las bases de datos visitadas. fueron MEDLINE, LILACS, BIREME, SCIELO, BDNF y la Biblioteca Central de Ribeirão Preto-USP, durante un periodo de cinco años (2005, 2006, 2007, 2008, 2009). Utilizamos como palabras clave: **“Educación la Muerte y el morir y docente y estudiante de Enfermería, Muerte y el morir”** Las búsquedas se dieron en el periodo de julio a octubre de 2009. Fueron encontrados 12 artículos en periódicos con *qualis* A₁, A₂ e B₁, B₂. Aún encontramos cuatro capítulos de dos libros diferentes, abordando la temática de la muerte en la formación académica de los estudiantes de graduación en enfermería. Emergieron entonces, tres categorías para revisión de literatura de los libros y tres categorías para revisión de literatura de los artículos respectivamente: **1. La muerte y la tentativa de conceptualarla; 2. La tanatología y la Universidad; 3. La formación académica de los Enfermeros sobre la temática muerte y el morir; y; 1. Los alumnos de enfermería y la convivencia con la muerte; 2. El docente en enfermería conviviendo con la muerte y las habilidades para enseñanza; 3. La formación académica dando soporte para visión crítico-reflexiva sobre la temática muerte y el morir.** Consideramos, por lo tanto, que a pesar de que estén habiendo pesquisas sobre la muerte y el morir, esas aún son ínfimas, en relación a la necesidad de la formación de los académicos de enfermería y que esas pesquisas sean publicadas con mayor frecuencia para toda comunidad, y que haya un cambio de conducta en este sentido, en la formación del futuro enfermero, y que nuevos estudios puedan profundizar el conocimiento en la temática muerte y morir así, trayendo efectivos cambios para la realidad actual.

Palabras-clave: enfermería, Brasil, muerte, educación, docentes, estudiantes

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS.....	44
QUADRO 2: ORDENAÇÃO CATEGORIAS COM LIVROS E CAPÍTULOS DOS LIVROS.....	45
QUADRO 3: ARTIGOS DE PERIÓDICOS.....	48
QUADRO 4: ORDENAÇÃO CATEGORIAS COM ARTIGOS DE PERIÓDICOS.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVO.....	18
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	19
3.1 Revisão preliminar da literatura científica existente como ponto de partida independente do período estudado.....	19
3.2 Revisão da literatura: livros encontrados sobre a temática.....	21
3.2.1 Analisando o conceito de morte.....	21
3.2.2 Refletindo sobre a Tanatologia e a Universidade.....	23
3.2.3 Enfermagem e Morte.....	24
3.3 Revisão da literatura: artigos de periódicos científicos.....	26
4. METODOLOGIA.....	37
4.1 Procedimento.....	43
5 RESULTADO E DISCUSSÕES DA LITERATURA CIENTÍFICA ENCONTRADA.....	44
5.1 Livros e Capítulos de Livros.....	44
5.2 Periódicos.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
7 REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A branda fala da Morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por falar da Vida. Na verdade, a Morte nunca fala de si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados (RUBEM ALVES, 1991, p.13).

A Morte, especialmente na grande maioria das culturas do Ocidente, seja por questões pessoais ou sociais, não se apresenta como tema preferido dos cidadãos, tampouco costuma ser tratada com naturalidade. Ao contrário, em nosso meio, o sentido construído para o desfecho do que convencionamos chamar de vida, remete, quase sempre, para o medo, para a angústia, para a rejeição.

Assim, não é a toa que assistimos com freqüência a vinculação da Morte com o sobrenatural, com o terror, com o castigo, com a dor, entre tantos outros significados considerados “negativos” pela civilização ocidental.

Talvez, um bom exemplo do que a Morte representa nas sociedades contemporâneas possa ser buscado no tratamento que atualmente, a mídia vem dando a ela. Com o desenvolvimento acelerado das tecnologias que, segundo Durand (2005) fizeram do século XX – e estão fazendo deste século – o século das imagens, nos meios de comunicação, ela quase sempre se torna espetáculo, ou exemplo de dor. Entretanto, ainda assim, a representação é sempre vinculada a algo incomum, excepcional e/ou extraordinário.

Outro exemplo, bastante elucidativo, é a proibição da Morte. Entre nós, ninguém pode desejá-la, nem para si, nem para o outro, sob pena de ser apontado como anormal, portador de patologia, carente de tratamento psicológico e/ou psiquiátrico. Aliás, talvez não seja exagero dizer que até mesmo o interesse pelo tema como objeto de estudo nos centros de pesquisa, cause estranheza a alguns, como estamos observando em nossa própria trajetória.

Mas, se é assim, como se apresentam aqueles que todos os dias, por força do seu ofício, precisam conviver e enfrentar a questão da Morte? Qual o significado que ela assume para esses profissionais? Seriam essas pessoas diferentes das demais? Elas não se importariam com a Morte do mesmo modo que a maioria das pessoas? Não, desta forma, seriam considerados seres humanos?

Nesta pesquisa, o nosso objeto de estudo é a Morte. E é dentro das abordagens sobre a Morte na área de Enfermagem que vamos nos ocupar. Todos sabem ou deveriam saber a respeito dela? Pois, em seu cotidiano, o enfermeiro presencia a morte com muita frequência e para exercê-lo é necessário conviver com ela, o que, como mostram os estudos de autores como Kovács (2004) e Costa (2005); a Morte tem despertado nesse profissional, sentimentos como os de frustração, medo e insegurança.

Tudo isso, em um contexto que não deixa a este profissional da área de saúde, muito espaço para elaborar e/ou compreender esses sentimentos que, ao menos em tese, não poderiam acompanhar sua vida profissional.

Segundo o historiador, Áries (2003) havia, no início da Idade Média, uma familiaridade com a morte, pois, o doente cumpria um ritual, a princípio, pedia perdão por suas culpas, legava seus bens e em seguida, esperava a morte chegar. Não havia assim, um caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Contudo, mudanças no decorrer desse século acabaram por transformar fundamentalmente esse quadro. Atualmente a Morte é tratada como tabu, pois, foi deslocada da casa para o hospital, deixando assim, de ser um fenômeno natural, para transformar-se em uma morte fria e escondida, por ser indesejada.

Com efeito, a dificuldade de lidar com a Morte gera e/ou pode estar gerando, uma gama de problemas que atinge o sistema de saúde público e privado do país. Exposição corroborada pelos problemas que já são conhecidos e que tem aparecido na literatura especializada.

Chama a atenção o abandono da profissão observado através do adoecimento dos profissionais, tal qual afirmam Popim e Boemer (2006) que defendem que a constatação destes profissionais de saúde de nossa possível finitude a cada instante, tem gerado um desgaste emocional, capaz de favorecer o desencadeamento da síndrome de Burnout, descrita como a reação final do indivíduo face às experiências estressantes acumuladas ao longo do tempo de determinada da atividade laboral.

Assim, de acordo com Palú (2004), estes profissionais de saúde que convivem cotidianamente com a dor e a aflição de quem vai morrer tem resultado

numa modificação do cuidar, produzindo em última instância, enfermeiros indiferentes.

Neste contexto profissional, a morte passa então, a ser considerada normal e esses sentimentos e reações se dão como mecanismo de defesa dos enfermeiros a fim de que não adoçam mentalmente. Além disso, somada a falta de preparo para lidar com a Morte, também as condições de trabalho do enfermeiro são responsáveis pela sua reação de indiferença frente ao sofrimento, pois, muitos destes profissionais enfrentam enfermarias superlotadas, sem equipamentos adequados, sem material hospitalar necessário, dentre outras dificuldades, agravando ainda mais um quadro que já não é dos melhores.

Se por um lado – o das condições de trabalho – muitos especialistas indicam a necessidade de políticas públicas amplas e eficazes para a área de saúde, particularmente, no campo da gestão, por outro lado, do nosso ponto de vista e no que diz respeito à formação profissional do enfermeiro, o problema não deixa de envolver as políticas públicas para a área de saúde em vigor. Envolvendo também, a necessidade da produção de conhecimento, de modo a aprofundar e aperfeiçoar a formação do enfermeiro, incluindo neste bojo, a busca de caminhos para a formação de um profissional que tenha condições de se relacionar cotidianamente, com a morte, sem rejeitá-la e, ao mesmo tempo, sem banalizá-la.

Durante os nossos dez anos de exercício da enfermagem em Hospitais públicos e privados em cidades como a do Rio de Janeiro e no interior do Estado de São Paulo, assistimos com freqüência, pacientes em sua maioria, com câncer, muitos já em fase terminal da doença, e essas diversas experiências vividas dentro destas instituições, chamou-nos a atenção, a dificuldade enfrentada, por muitos de nós, para nos relacionarmos, tolerarmos e desenvolvermos um cuidar/olhar mais direcionado para a dimensão existencial do problema.

Naquele momento, parecia-nos difícil reconhecer que aqueles pacientes vivenciavam sentimentos muito marcantes, em razão da sua expectativa de Morte e que tolerar e se relacionar com esses sentimentos, fazia parte do exercício da nossa atividade. Entretanto, como conviver com algo que só nos remete ao medo e a angústia e que nos causa tanta dor? Como vivenciar situações próximas às fases que antecedem a morte, como a negação, o isolamento, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação (KÜBLE-ROSS, 2005)? Por outro lado, como encontrar o

equilíbrio necessário para não cair na armadilha da rejeição radical ou da banalização da morte? Seria realmente possível alcançar este equilíbrio? De que modo?

Desta forma, nossa escolha pelo tema e nossa experiência profissional estão totalmente vinculadas. Interesse por uma temática tão complexa, difícil e muitas vezes negada pelo ser humano, que é a finitude, surgiu da experiência como enfermeira e também como docente do Ensino Superior em Faculdades de Enfermagem da Cidade do Rio de Janeiro. E foi no decorrer dessa trajetória, que acrescentados a nossa experiência de vida com amigos e familiares, que prestarmos mais atenção ao fato de que a Morte, necessariamente, não se antepõe à vida. A Morte, pode e deve ser entendida como um processo que faz parte do percurso existencial do ser humano.

Assim, se é possível chegarmos a um acordo sobre este entendimento relativo ao assunto, a Morte; é possível também concordar que as questões levantadas por nós até aqui, suscitam a necessidade de uma educação efetiva para lidar com a mesma, pois, não é possível compactuar com a perda de profissionais de enfermagem devido ao seu adoecimento, e contribuir ainda, dentre outros aspectos, com o mau funcionamento do sistema de saúde do país, porque seus profissionais não compreendem a Morte, que os surpreendem, angustiam e apavoram.

Afinal, como os atuais profissionais estão sendo formados para lidar com essa questão? O que sabem os enfermeiros sobre esse fenômeno e que condições eles possuem para enfrentá-lo? Quais as dificuldades mais comuns relatadas pelos profissionais? Nesse sentido, quais as contribuições que a literatura da área tem oferecido? Existem entre nós pesquisas, em número e qualidade, capazes de amparar a prática e/ou a formação dos atuais e futuros enfermeiros para lidar com o assunto? Que paradigma pedagógico vem sendo utilizado na formação do enfermeiro? Há de se pensar numa abordagem educativa progressista, para dar conta da reflexão necessária para o cuidado nesse sentido (GUEDES; OHARA, 2008).

Na presente pesquisa, será sobre esta última questão que iremos nos debruçar, e para respondê-la, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de

elaborar um mapeamento das produções sobre o tema na área de enfermagem. A hipótese é que em nossa área existe um número reduzido de estudos sobre o tema.

O que explicaria, em parte, as dificuldades encontradas, tanto na prática, quanto nos cursos de Formação de Enfermeiros. Outra hipótese é que parte destes estudos acaba se revelando incipiente em virtude dos mesmos não dialogarem com outras áreas tais como: a Educação, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Psiquiatria, dentre outras, que já há muito tempo vem se ocupando do tema.

2 OBJETIVO

Levantar dados da literatura científica identificando como a temática Morte tem sido abordada na formação acadêmica de Enfermagem.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Revisão preliminar da literatura científica existente como ponto de partida independente do período estudado

Ainda hoje, presenciamos a educação voltada única e exclusivamente para a vida. As universidades formam profissionais de varias áreas, dentre elas, também os da saúde. Particularmente, incluímos o Enfermeiro com formação geral a salvar vida humana de forma incisiva.

Pires (1984) relata que é curioso notar que só cuidamos da educação para a vida; esquecendo-se assim, de que vivemos para morrer. A morte é, sobretudo, o nosso fim inevitável, no entanto, chegamos a ela sem o menor preparo. Esse autor defende ainda que, a educação para a morte não é nenhuma forma de preparação religiosa para a conquista do céu, e sim, um processo educacional que tende a ajustar os educandos à realidade da vida, vida esta que não se resume somente ao viver, mas, também no existir e no transcender. Nesse sentido, a educação para a Morte representa a preparação do Homem, no decorrer de sua existência, para a liberação do seu condicionamento humano. O autor salienta ainda que as religiões negaram-se a si mesmas ao optar pelo terrorismo das maldições e ameaças para educar os homens no difícil ofício de morrer. Desta forma, caberia hoje, à Educação, a responsabilidade de elaborar os programas de orientação educacional de todos nós, tanto para o ato de viver e quanto para o ato de morrer.

Já há algumas décadas, tem-se abordado o tema da educação para a Morte, contudo, em se tratando da produção de literatura científica, estes movimentos podem ser considerados parcos, tal qual aos investimentos pedagógicos no sentido de se criar uma instrumentalização adequada e efetiva à manutenção de uma educação contínua, uma vez que, tem-se observado que, os autores interessados pela temática acabam por se afastar da academia devido à aposentadoria ou outros motivos.

Boemer et al. (1991) relatam que, apesar de algumas iniciativas de escolas de saúde em disponibilizar algum preparo aos seus alunos com vistas, intervir em situações que envolvam a morte e o morrer, esses esforços têm sido numericamente

insuficientes e as consequências não tem tido resultado na sensibilização do cotidiano das instituições de saúde.

O corpo de conhecimentos construído por Boemer (1989) sobre esse tema levou a autora a propor uma ação educativa a alunos do curso de graduação em enfermagem. A autora relata que desde o 1º ano da graduação, o tema foi abordado junto aos alunos matriculados na disciplina “Instrumentos Básicos de Enfermagem” da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Abordagem esta que foi novamente retomada no 2º ano na disciplina “Fundamentos de Enfermagem”, momento em que, estes alunos começaram a vivenciar as rotinas de prática hospitalar através da realização de estágios, onde muitos deles experienciaram o relacionamento com pacientes terminais ou presenciaram situações de morte no hospital.

Dessa forma, tal proposta possibilitou aos alunos uma nova visão sobre o papel da enfermagem no que concerne às situações de morte. A autora, através da análise da experiência pela qual passou seus alunos, enfatiza a necessidade de introduzir a abordagem de educação para a morte desde o início do curso de graduação, não só nas escolas de enfermagem, mas, também nas escolas que graduam seus alunos para profissões de saúde, criando ainda espaços à compreensão do fenômeno Morte, que estará sempre muito presente no cotidiano destes profissionais. Para Boemer (1989), essa abordagem precisa abranger o curso como um todo, permeando o conteúdo das diversas disciplinas, criando espaços nos estágios para discussão e reflexão. Esta iniciativa, infelizmente, não teve continuidade.

Em outro momento, Boemer et al. (1992) experiência o estar educando para a Morte em cursos de aperfeiçoamento, oferecidos pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, anos de 1988, 1989 e 1992, a enfermeiros assistenciais e profissionais de outras áreas, objetivando assim, uma proposta educacional sob a perspectiva de construção de um canal onde as situações envolvendo a morte pudessem ser discutidas, enquanto objeto de reflexões.

Atualmente, investimentos pedagógicos têm sido empreendidos através do curso de Tanatologia ministrado pelo médico Franklin Santana, além de aulas administradas na pós-graduação da Universidade de São Paulo pela psicóloga

Maria Júlia Kovács, contudo, apesar dos esforços destas pessoas sensibilizadas em trazer à reflexão o conhecimento teórico-filosófico para a temática Morte, a revisão demonstra que muito ainda tem de ser feito, pois, faz-se mister a abrangência voltada à formação do(a) enfermeiro(a), tendo em vista a graduação, pós-graduação e a docência superior.

3.2 Revisão da literatura: livros encontrados sobre a temática

Em três capítulos do livro **A arte de Morrer: visões plurais** de Dora Incontri & Franklin Santana Santos (Org.) (2007), e de um capítulo do livro **Educação para a Morte desafios na formação de profissionais de Saúde e Educação**, de Maria Julia Kovács (2008) abordam através de uma perspectiva linear: a conceituação para a Morte, a educação para a Morte e a Morte na educação para acadêmicos de enfermagem. Esperamos, através destas publicações, que o tema seja tratado com maior clareza.

Tais publicações serão discutidas a posteriori.

O livro **A arte de Morrer: visões plurais**; Santos, aborda a temática da Morte nos seguintes capítulos:

- **Analisando o conceito de morte**

Até os dias atuais, a Morte ainda não conseguiu ser definida plenamente, em virtude de se tratar de um fenômeno complexo e multifatorial. Santos (2007) cita Kastembaum (1983, p. 4-5) que, ao conceituar a Morte, diz que isso requer algumas premissas e dificuldades tais como: o conceito de morte ser relativo; ser excessivamente complexo; estar em mudança; ser muitas vezes obscuro, ambíguo, ou ainda em evolução; ser influenciado pelo contexto situacional, social, cultural; e estar relacionado ao comportamento. Portanto, esses conceitos de Morte constituem o panorama da dificuldade para conceituar adequadamente essa temática.

Por ser a Morte tão complexa o que é essencialmente, significativo para a vida, que sua perda significa a Morte. Isto posto, define e testa para constatar que a morte realmente ocorreu no organismo humano.

Para Santos (2007, p.88):

Quatro abordagens resumem essas questões: 1 Perda irreversível do fluxo de fluidos vitais; 2 Perda irreversível da alma do corpo; 3 Perda irreversível da capacidade da integração corporal; Perda irreversível da capacidade de interação da consciência ou social.

Resgatando estas três abordagens, temos que:

1 - A morte do organismo humano tem sido definida historicamente, pela falta de batimento cardíaco e de respiração. Com a cessação desses sinais e a morte das células teciduais, então há a evidência de sinais avançados da Morte. A ambigüidade desta primeira conceituação em definir Morte, se dá por querer defini-la basicamente, em critérios fisiológicos.

2 - A perda da alma do corpo define a segunda concepção de Morte. Não tem sido definido cientificamente, o local da alma. Alguns dizem que alma está no coração, outros na respiração. Descartes refere que essa se encontra na glândula pineal. Desta forma, até hoje, ninguém a conseguiu definir. Contudo, essas questões exercem pouca influência na prática médica visto não poder ser provada pelo método experimental, desta forma, apesar de ser fascinante, esse assunto é pouco abordado.

3 – Abordagem sofisticada, não se baseia simplesmente nos sinais fisiológicos, mas, numa maior capacidade geral do corpo em regular seu próprio funcionamento. Assim, a determinação da Morte não seria feita meramente através das funções fisiológicas da pessoa mantida por máquinas, mas, sim pela incapacidade do organismo em manter ou preservar sua capacidade de integração corpórea. Os clínicos, agora, definem morte pelo Sistema Nervoso Central, como “MORTE CEREBRAL”.

4 - A premissa implícita desta abordagem é que a pessoa é um ser humano somente se forem considerados, não apenas seus processos biológicos operantes, mas, também a dimensão social de sua vida-consciência, ou seja, se sua personalidade estiver presente.

Finalizando, há de se notar que, com o avanço da tecnologia criou uma situação desconfortável na sociedade humana, pois, apesar de uma pessoa apresentar batimento cardíaco e reflexos medulares, mobilizando-se, se estimulada, poderá apresentar morte cerebral, ou seja, estará morta. Assim, observa-se que,

com a nova definição de 'morte cerebral', haverá uma mudança dos parâmetros do modelo cardiocêntrico para o encefalocêntrico.

- **Refletindo sobre a Tanatologia e a universidade**

Nos primórdios da Humanidade, a Morte era tida como um fenômeno natural, contudo, com o desenvolvimento civilizatório ocidental, esta passou ser interdita e, portanto, escondida e/ou clandestina. Desta forma, a Morte coloca o ser humano diante de reflexões essenciais, instigando-o a analisar questões profundas, que não podem ser escamoteadas pela discussão apenas levando-se em conta seus aspectos periféricos. E faz parte ainda do processo educativo, morrer com dignidade, ser bem assistida, com um amparo multiprofissional, social e familiar.

A Morte, por sua vez, é muito vivida por profissionais da saúde. Observa-se então, o despreparo desses em lidar com ela, seja a morte arrastada nos casos de pacientes em cuidados paliativos, ou a morte repentina, como nos casos dos que trabalham nas unidades de emergência, tais como a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), especialmente a cardiológica.

Apesar de a Morte ser uma vivência da área da saúde, não representa uma propriedade privada das áreas biológicas, visto que essa área não consegue responder a todos os questionamentos que a Morte evoca, apesar dela constituir a realidade mais certa, pessoal e universal do ser humano, ela demanda abordagens filosóficas, religiosas, estéticas e educacionais.

A partir da década de 50, surge uma proposta de educação para a Morte, dentro de algumas universidades americanas, com a criação da Tanatologia, como reação ao interdito feita pela cultura ocidental tentando escamotear a Morte e silenciar sua discussão.

A Tanatologia assim, é definida como a ciência que estuda a Morte e o processo do morrer em todos os seus aspectos. Nos Estados Unidos da América, os pioneiros nesse estudo foram Herman Feifel e Elizabeth Kübler-Ross, no final da década de 50. No Brasil, as propostas de Educação para a Morte tiveram seu início com trabalhos da psicóloga Wilma da Costa Torres no Rio de Janeiro e do educador e filósofo José Herculano Pires em São Paulo nos idos da década de 70.

A Prof^a Wilma após seu doutorado, orientado pelo Prof^o Dr^o Roosevelt Cassorla da UNICAMP, dedicou-se a sistematizar a Tanatologia no Brasil, abrindo,

desta forma, os caminhos junto à comunidade universitária. Com ela, surgiram ainda outros nomes não menos importantes e também outras universidades interessadas nessa temática.

No livro **A Arte de Morrer: visões plurais**; Magali Roseira Boemer dá ênfase especial às temáticas da Enfermagem e a morte.

- **Enfermagem e Morte**

Para o cotidiano do trabalhador de saúde cuidar do paciente fora de possibilidade terapêutica implica em um momento ímpar do existir, onde emergem ambiguidade e fragilidades de ambos os lados, apresentando grandes possibilidades de tornar-se difícil essa relação.

Falar da Morte traz desconforto devido à angústia gerada pela nossa própria morte futura. Há assim, essa dificuldade na comunicação do enfermeiro/paciente. Pois, os cursos de graduação, apesar de algumas iniciativas relativas a abordagem da Morte, ainda incipientes, toda a ênfase da formação é focada na vida, na cura e na terapêutica, criando a ilusão de que nada temos a ver com a Morte, que representa a lembrança constante, para o profissional de saúde, da nossa impotência diante dos doentes que caminham para sua finitude.

A retomada da fala da Morte se deu por vários motivos tais como: a AIDS, vida vegetativa, eutanásia, distanásia, aborto, obstinação terapêutica, transplante de células-tronco e a introdução e consolidação da bioética no Brasil. Tais discussões tem resultado na mudança de algumas posturas do Homem, particularmente, na do profissional de saúde.

Há grande necessidade de ver o Homem além do cuidar tecnicista, percebendo sua singularidade na grande pluralidade do seu viver e conviver com o outro. O cuidar deve estar voltado para o ser e a comunicação plena entre cuidado e cuidador, observando a individualidade do mesmo, estimulando uma escuta efetiva, não impondo o que acredita ser terapêutico por ter se preparado para a profissão, pois, cada ser humano sabe nas pequenas coisas o que é melhor para si.

Construir outras referências para a formação profissional do enfermeiro urge ver, o cliente de hoje ser mais informado, exigente e a necessidade crescente do cuidar individualizado. Extirpar a concepção retrograda tecnicista e fragmentada que predomina ainda nos espaços acadêmicos com modelos tradicionais de ensino,

fundamentados apenas na lógica da razão, é preciso ainda, desvincular o sentir do agir, pois, pouco se viabiliza uma formação crítico-reflexiva, sensível, e humanizada.

No livro **Educação para a Morte: desafios na formação de profissionais de saúde e educação** de Maria Julia Kovács no capítulo: Os Profissionais de Saúde e Educação e a Morte, sob o subtítulo: A Formação dos Profissionais de saúde Medicina e Enfermagem, vê-se que

[...] hoje a morte foi definida como inimiga a ser derrotada, e com isso nos tornamos surdos ao que ela pode nos ensinar e com isso perdemos o que poderia se tornar conselheira sábia, se torna uma inimiga que nos devora por trás... pode-se recuperar a sabedoria se nos tornássemos discípulos e não inimigos da Morte [...] (ALVES, 1991, p. 15).

Ainda neste livro, relata-se que, em detrimento da formação humanista, tem-se enfatizado os procedimentos técnicos nos cursos da área de saúde, principalmente dos médicos e enfermeiros. Referindo-se que nas primeiras disciplinas há a despersonalização dos conteúdos que são apresentados aos jovens ingressantes nesses cursos. Em aulas de anatomia, por exemplo, verificam-se manifestações contrafóbicas, tais quais, piadinhas ou a simples indiferença, pois, tratar de um ser humano pode ser muito angustiante, desta forma, a fim de minimizar este desconforto, a manipulação dos órgãos e tecidos e destituída de qualquer identidade humana presente na figura do cadáver.

Sendo assim, para a formação dos médicos, percebe-se a dessensibilização de elementos que possam dar a entender a possibilidade de morte. Os corpos são então, transformados em órgãos, ossos, sangue e sua manipulação permite o conhecimento e uma falsa idéia de que, ao se combater doenças e sintomas estar-se-ia também, lutando contra a Morte.

Mesma ênfase é dada nos cursos de enfermagem, entretanto, no trabalho do enfermeiro, existe um contato muito mais próximo com os pacientes, fazendo com que este profissional tenha de enfrentar questionamentos sobre o curso da doença, prognóstico e possibilidade de morte. Desta forma, tratar de pacientes gravemente enfermos, deixá-los confortáveis e sem dor é uma das tarefas mais difíceis e que requerem a escuta e contatos intensos. Somado a isso, a família busca informações com a equipe de enfermagem, uma vez que, em muitas circunstâncias, os médicos não se encontram presentes.

Apesar disso, o curso de enfermagem não oferece muito espaço para trabalhar as emoções e os sentimentos produzidos pela relação com os doentes e seus familiares provocadas pela relação enfermeiro/paciente que fazem parte do dia-a-dia dos profissionais de enfermagem.

3.3 Revisão da literatura: artigos de periódicos científicos

Continuando o presente estudo, foram localizados na literatura científica, outros autores cujo tema abordado também foi a Morte, contudo, estes estudos foram publicados sob a forma de artigos em periódicos científicos.

Carvalho, Silva, Santos, Oliveira, Portela e Regebe (2006), em **Percepções de Morte e Morrer na ótica de acadêmicos de Enfermagem**, a pesquisa constituiu-se de um estudo qualitativo, muito original, cuja metodologia utilizada é exploratória e do qual fizeram parte dez acadêmicos de enfermagem de vários semestres, ambos os sexos, com idades de 21 e 27 anos. O objetivo da pesquisa era compreender o significado da Morte e do morrer no cotidiano dos acadêmicos de enfermagem. A análise dos dados se deu por categorização, emergindo três categorias fundamentais: **aproximando-se da morte no processo de cuidar; tendo medo da morte; necessidade de preparo para lidar com a morte.**

Cuidar da finitude enquanto profissional perpassa por dilemas e enfrentamentos, muitas vezes dolorosos, quiçá para os acadêmicos de enfermagem que estão iniciando sua prática. O enfrentamento do processo da Morte é extremamente difícil, pois, a morte neste contexto remete ao estudante, à perda de sentido, contudo, estes são formados para cuidar em saúde, promover a manutenção da vida, recuperar e não cuidar para o processo de Morte-Morrer são assim, pegos abruptamente, pois, não foram estimulados a pensar reflexivamente.

Finalizando a pesquisa, na visão de acadêmicos de enfermagem, esses autores perceberam sentimentos de luto, tristeza, angústia e ansiedade, além de frustração e culpa no que se refere à morte daqueles de quem os estudantes tinham cuidado.

Os autores ressaltaram ainda, a necessidade do saber teórico-filosófico sobre a temática, pois, os próprios alunos referiram essa ausência, afirmando a necessidade de incluir nos currículos de graduação, não apenas uma disciplina de tanatologia, mas, a discussão reflexiva entre os docentes e discentes, de um modo transdisciplinar e interdisciplinar desde as disciplinas introdutórias, tais como: anatomia e fisiologia, dentre outras, até as disciplinas práticas.

Carvalho e Do Valle (2006), no estudo intitulado **Vivência da Morte com o aluno na prática educativa**, seguindo o referencial metodológico da fenomenologia, as autoras ressaltam que no cotidiano da relação aluno-professor em ambiente hospitalar, a Morte se apresenta em meio a outros fatos. Perceberam ainda que a Morte, na aprendizagem da formação do enfermeiro é uma matriz geradora de conflitos e estresse interferindo negativamente na relação educativa. E que é possível fornecer um aprendizado mais humanizado ao profissional, contudo, a fim de entender como esse processo ocorria; as autoras resolveram estudar os docentes, ao final, o estudo revelou que esses profissionais precisavam apreender o significado do ensinar.

Ainda de acordo com o estudo, os docentes quando vivenciam a Morte com os alunos em campo de estágio, tentam manter-se equilibrados, apesar de, muitas vezes, sentirem-se despreparados, pois, experienciam a angústia de sua própria morte e o medo de não saberem como falar ou explicar o ocorrido. Desta forma, referem que nem mesmo para eles, é fácil aceitar a Morte e percebem também, a grande necessidade de reflexão acerca do assunto, mas, não conseguem sistematizar e visualizar um caminho de ação.

Os docentes mencionaram ainda, a solidão sentida com seus alunos, frente à morte e conceberam a necessidade de um apoio psicológico que eles mesmos admitem não ter. Ainda sentem um verdadeiro constrangimento diante do educando ao vivenciar a morte, por não possuírem habilidades efetivas para lidar com as questões da finitude, sentindo-se, portanto, impotentes ao lidar com o montante de sentimentos que surgem, inclusive de transferência, que perpassa diante desse evento.

Bretas, Oliveira e Yamaguti (2006), o artigo **Reflexões de estudantes de Enfermagem sobre Morte e o Morrer**, através de uma abordagem qualitativa, exploratório-descritiva, investigou 71 estudantes do sexo feminino, matriculadas no 1º ano do curso de graduação em enfermagem, na disciplina curricular Psicologia Aplicada à Saúde, com a realização de oficina com atividades coletivas. Ao final, foram solicitados os relatos dos grupos e estes dados foram analisados, emergindo deles quatro categorias: **medo da morte; conceitos; atitudes diante da morte e o morrer; crença enquanto elemento interveniente.**

Através das categorias emergentes, os autores perceberam que os alunos apresentam vivências e experiências adquiridas no seu meio social e familiar, fato esse, que se dá por serem alunos do 1º ano e não terem ainda experienciado os estágios curriculares. Notaram também, que desde o começo da formação os estudantes de enfermagem têm a idéia que o profissional de saúde irá lutar contra a morte para preservar a vida, e com o decorrer da formação vão sentir-se mais capacitados, fundamentando-se na cura como gratificação. Por conseguinte, uma vez que se depararem com a morte no cotidiano laboral, sentir-se-ão despreparados e se afastarão do processo de morte e morrer.

Os autores elucidam que a dificuldade de falar sobre o processo de morte-morrer pode emergir por parte dos professores, visto que estes foram alunos e enfrentaram as mesmas dificuldades, uma vez que também se sentem inseguros ao tratar desse assunto. Desta forma, a impessoalidade protege a si mesmo da dor, do sofrimento e da reflexão de sua própria finitude. Não abrindo espaço para os alunos refletirem e exigindo as técnicas e comportamento voltado para o material.

Carvalho, Oliveira, Portela, Silva, Oliveira e Camargo (2006), no artigo **A Morte e o Morrer no cotidiano de estudantes de Enfermagem**, os autores realizaram um estudo através de uma pesquisa qualitativa, exploratória, desenvolvida realizada com 10 acadêmicos de enfermagem, todos do sexo feminino, com idade entre 21 e 25 anos e cursando o 4º e o 9º semestre do curso. A coleta de dados se deu através de entrevista semi-estruturada com o seguinte roteiro: aspectos de cunho religioso, social, educativo e afetivo, sentimentos, percepções e experiências diante da Morte.

Foram identificadas três categorias: **aproximando-se da morte no processo de cuidar; tenho medo da morte e necessitando de preparo para lidar com a morte.**

Os autores verificaram sentimentos de luto como angústia, tristeza, ansiedade emergindo no cotidiano da vida acadêmica e perceberam ainda que o aluno de enfermagem precisa do saber teórico-filosófico e de apoio psicológico durante sua formação, a fim de que seja capaz de lidar melhor com a Morte no futuro quando iniciar sua prática profissional, pois, esta falta do preparo dificultará o cuidar no processo de morte e morrer.

Desta forma, uma vez mais os estudos apontam para a inserção, de forma crítico-reflexiva, desta temática nos cursos de graduação em enfermagem, a fim de que *'que a morte seja vista como parte do processo de trabalho em saúde que não dispensa atitude de acolhimento e humanização do cuidado'* (CARVALHO; et al, 2006, p.556). E acima de tudo, a fim de que a Morte não represente o sinônimo de fracasso ao profissional de saúde.

Bernieri e Hirdes (2007), no estudo **O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciar o processo morte-morrer**, trabalha um artigo original utilizando uma abordagem qualitativa, exploratório-descritiva, entrevistando acadêmicos de enfermagem, tendo como objetivo, investigar o preparo deles frente à representação do tema morte. Sugerem algumas áreas temáticas após a análise dos dados, como: **a percepção dos acadêmicos de enfermagem frente ao processo morte-morrer e a família; a morte vista como estigma, tabu e misticismo; o preparo para vivenciar o processo morte-morrer; o apoio oferecido pelo professor supervisor em campo; os sentimentos experimentados pelos acadêmicos que vivenciam a morte em campo de estágio; conhecimento/ desconhecimento das fases psicológicas vividas pelo paciente.**

Finalizando, nesse estudo, os autores evidenciaram que os alunos têm opiniões variadas sobre a temática morte-morrer. Contudo, os achados corroboram com o pressuposto de que os alunos de graduação em Enfermagem que vivenciaram a morte no campo de estágio mostram que, em sua grande maioria, esse processo passa do despercebido ao rotineiro, pois, os supervisores não reservam espaço social para discussão ou, simplesmente, falar a respeito. Com isso, para os autores, os alunos sentem-se despreparados e vivenciam um turbilhão de sentimentos não explicitados. Relatam ainda, que a temática é pouco exposta no decorrer do curso e que não ocorrem discussões e reflexões sobre esse tema, além disso, o apoio psicológico é completamente ausente.

Oliveira, Bretas e Yamaguti (2007), no artigo **A Morte e o Morrer segundo representações de estudantes de Enfermagem**, estudo qualitativo, utilizou as premissas das representações sociais, ou seja, o conjunto de conceitos que compõem uma versão contemporânea do senso comum.

Os sujeitos desta pesquisa foram 40 estudantes do sexo feminino e masculino escolhidos aleatoriamente. Foram entrevistados estudantes do 2º, 3º, 4º anos, por apresentarem vivências de estágios curriculares. Dos quais: 15 estudantes (38%) eram do 4º ano, outros 15 estudantes (38%) do 3º ano e 10 estudantes (24%) do 2º ano. Constituindo uma média de idade de 23 anos, onde a idade mínima foi de 19 anos e a máxima, de 48 anos de idade. Para a coleta de dados os autores utilizaram a entrevista individual em local reservado, que foram gravadas após a aquiescência dos estudantes e posteriormente, transcritas pelo entrevistador. Foi feita a análise de discurso, onde emergiram três principais ramos de representações como: relacionamento aluno/paciente, conceitos e medo da morte que se subdividiu em outros ramos.

De acordo com o estudo, os autores referem que os estudantes de enfermagem apresentam dificuldade em lidar com o relacionamento aluno-paciente e com todos os sentimentos que emergem após a morte. Referem ainda que há pouco preparo para lidar com as questões da Morte e o morrer, além disso, esse despreparo já se faz sentir na própria bagagem de vida, percorrendo os caminhos da educação, perpetuando-se no decorrer do curso de graduação em enfermagem.

Desta forma, verifica-se que, o estudante ainda é preparado, com maior ênfase, na promoção da vida e no que tange os aspectos técnicos e práticos da função profissional, havendo pouca ênfase para o emocional e o preparo para o binômio morte/morrer, que a profissão o faz vivenciar cotidianamente.

Para os autores está claro que não basta única e exclusivamente, haver os atributos e as habilidades a serem estimuladas e ensinadas para que os estudantes cuidem adequadamente do paciente terminal e de seus familiares, esses entendem ainda, que as dificuldades individuais e coletivas, os sentimentos, as situações organizacionais e de aprendizagem mobilizadora de ansiedade não podem ser ignoradas. Neste sentido, percebem que urge a necessidade de espaços mais abrangentes e maiores para a reflexão, informação, discussão e principalmente,

para a compreensão do fenômeno morte e morrer. Portanto, entendem que o ensino deve fornecer subsídio para a elaboração ideal do luto.

Bellato, Araujo, Ferreira e Rodrigues (2007), em: **A abordagem do processo do Morrer e da Morte feita por docentes em um curso de graduação em Enfermagem**, elaborado a partir de um estudo descritivo e exploratório através da aplicação de um questionário a 34 docentes de um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública da região Centro-Oeste do país. A primeira parte da pesquisa visava identificar o perfil de idade, tempo de experiência profissional na assistência e na docência, religião, entre outras questões. A segunda parte procurou descrever, mais diretamente, como os docentes vivenciavam o processo de morte e morrer, enquanto assistencialistas e a abordagem empregada com os alunos neste processo.

Apesar do perfil dos docentes demonstrar uma grande experiência no trabalho técnico, esse estudo não demonstrou que estes profissionais estivessem preparados para a abordagem da temática morte/morrer. Quando os autores argüiram os docentes se os sentimentos vivenciados pelos mesmos em situações de cuidado às pessoas no processo de morrer influenciavam no enfrentamento ou na forma como abordavam essa mesma temática junto aos alunos de Graduação de Enfermagem, os docentes sinalizaram com respostas positivas.

Os autores entendem que não há outro evento na Humanidade que suscite tantas reações e emoções, contudo, uma postura niilista não resolveria o problema. Reflexões e discussões devem ser implementadas e, sobretudo, reconhecer que sua própria fragilidade frente ao enfrentamento da morte, seria um primeiro passo. Para os autores, o segundo passo seria dar voz aos nossos medos e angústias relativos ao processo de morte e morrer, compartilhando sentimentos e discutindo o que, a princípio, parece ter apenas um caráter individual.

Assim sendo, para os autores, discutir como temos nos omitido do tema da Morte em nossa formação profissional é o processo natural da vida. E, embora, ensinar sobre a morte não seja uma tarefa fácil, compreender a temporalidade humana se faz necessária a fim de reduzir a angústia existencial causada pela perda e a separação do outro.

Silva e Silva (2007), realizaram a pesquisa: **A preparação do graduando de Enfermagem para abordar o tema Morte e doação de órgãos**, que foi XXIX Encontro nacional de Estudantes de Enfermagem. Esta traz uma abordagem descritiva transversal e de campo. Os sujeitos da pesquisa foram 100 estudantes de graduação em Enfermagem, distribuídos entre as 14 unidades federativas participantes no evento, abordadas aleatoriamente durante o período do mesmo. Estes estudantes responderam a um questionário com as seguintes questões: **Você tem aula em sua instituição sobre o tema da Morte e a doação de órgãos? Qual a carga horária dedicada ao tema da Morte em sua instituição? Qual a carga horária dedicada ao tema doação de órgãos em sua instituição? Qual o papel do Enfermeiro no processo de doação de órgãos? O que é morte encefálica? O que é OPO?**

Os resultados foram alarmantes. O estudo demonstrou que 92% dos entrevistados não sabiam da existência da Organização de Procura de Órgãos (OPO). O estudo indicou 30 minutos como tempo mínimo dedicado ao tema da Morte trabalhado na instituição e 10 horas como tempo máximo durante a graduação. Verificou-se que 63% dos entrevistados responderam não ter tido aula sobre o tema doação de órgãos. Quando questionados sobre morte encefálica, 64% definiram incorretamente o conceito sobre essa questão, 19% definiram de modo incompleto e 17% definiram o conceito corretamente.

A análise dos dados obtidos apontou para a necessidade de outros estudos mais profundos capazes de investigar sobre a real atenção que as instituições de ensino de Enfermagem têm dado ao tema doação de órgãos. Em relação à atuação do enfermeiro nesta área, os estudantes demonstraram estar pouco familiarizados a respeito.

Concluindo, os autores referem que há muito tempo eles vêm refletindo sobre a formação acadêmica do profissional de Enfermagem, entretanto, apesar das mudanças, ainda se encontram profissionais despreparados e alunos que ao final do curso, declaram-se incapazes e inseguros para o exercício da profissão. E infelizmente, também os serviços de saúde têm apontado o despreparo dos profissionais.

Essas reflexões, associadas às questões da Morte e do morrer precisam deixar sua função de elocução e tornarem-se mais eficazes na formação acadêmica, pois, negar a Morte, significa indiretamente, negar a possibilidade da

doação de órgãos, em casos de morte cerebral, doação que em muitos casos, é sinônimo de vida e não de morte.

Pinho e Barbosa (2008), a pesquisa: **A Morte e o Morrer no cotidiano de docentes de Enfermagem**, utilizou a abordagem qualitativa mediante um estudo fenomenológico realizado em três instituições de ensino superior em que há o curso de graduação em enfermagem. Esta pesquisa identificou as disciplinas que, de alguma forma, abordassem o tema Morte, concluída esta etapa, os docentes responsáveis por estas disciplinas foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa. Foram realizadas 12 entrevistas que, previamente autorizadas, foram gravadas. As questões norteadoras da entrevista foram: **Descreva o que tem sido para você vivenciar a Morte em sua prática docente? Você aborda o tema Morte em sua disciplina? Em que momentos? De que forma o faz?**

De acordo com os autores, esses depreendem que as docentes se vêm impelidos a desenvolver técnicas, obedecer às normas e rotinas seguindo uma atitude sem reflexão, mecanizada. Referem dificuldades em trabalhar com a temática por não se sentirem preparados, não sabendo como abordar a Morte e o morrer. Relatam ainda, que o tempo da disciplina é curto para um tema complexo como esse, desta forma, o ensino é superficial, fragmentado e mecanicista. Apontam também, que é preciso refletir a respeito do sentido da vida e do cuidar, questionar o ensino/aprendizagem, reformular currículos e desfragmentar conteúdos, mas, isso, não é tudo, pois, se faz necessário mudar o enfoque no sentido de possibilitar aos docentes e discentes a reflexão acerca da existência humana, através do diálogo, do compartilhamento de sentimentos e discussões sobre o processo de Morte e o morrer.

Oliveira e Amorim (2008), no estudo **A Morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro**, retrata uma pesquisa qualitativa, proveniente de uma monografia de final de curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na Bahia. Esta pesquisa teve como sujeitos sete alunos regularmente matriculados na disciplina Estágio Supervisionado II, no último semestre do curso. Os participantes apresentavam uma faixa etária entre 22 a 25 anos e eram de ambos os sexos. Foram realizadas entrevistas gravadas e os dados foram trabalhados através da análise de conteúdo. Encontraram-se, após a

análise, três categorias: **encarando a morte no cotidiano; reação diante da morte; o processo de morte e o morrer na formação.**

Segundo as autoras, perceber-se que a Morte ainda constitui um acontecimento que assusta e traz muito sofrimento, causando a sensação de impotência além de suscitar emoções que os deixam paralisados, prejudicando o cuidar do paciente e de seus familiares em um momento único de suas vidas. As autoras ainda ressaltam que é importante salientar que as respostas foram obtidas junto a formandos de Enfermagem, ou seja, profissionais que deveriam estar prontos para o ingresso imediato no mercado de trabalho.

As autoras destacam também, que os alunos foram unânimes em afirmar a insuficiência curricular no que se refere à temática do processo de Morte e morrer, e salientam ainda, que os entrevistados compreendem que a Morte se trata de um processo pertencente à vida e não que a antagoniza. Os estudantes afirmam também que o currículo enfatiza o trabalho para lidar com a vida através das técnicas e normas da profissão e não através de um processo crítico-reflexivo que deveria ser abordado no ensino/aprendizado.

Finalizando, as autoras destacam que os sujeitos da pesquisa argumentaram que reivindicações apresentadas pelo movimento estudantil de Enfermagem aos órgãos competentes e responsáveis pelo curso de Enfermagem sejam capazes de mudar este perfil insuficiente no que tange ao ensino do processo de Morte e morrer.

Takahashi, Contrin, Beccaria, Goudinho e Pereira (2008), em estudo **Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de Enfermagem** travou-se como objetivo, a caracterização do perfil dos acadêmicos de enfermagem de 1º ao 4º ano de uma instituição do noroeste paulista, através da identificação da percepção e dos sentimentos desses estudantes, em relação à morte, por meio da aplicação de um questionário. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos, regularmente matriculados no curso de graduação em Enfermagem, em julho de 2005, foram excluídos os ausentes e os que se recusaram a participar da pesquisa. Do total de 240 alunos, 132 alunos participaram, onde: 21 alunos eram 1º ano, 37 alunos do 2º ano, 46 alunos do 3º e 28 alunos do 4º ano. O questionário foi subdividido em A e B.

A parte A descrevia as características dos alunos e a B foi mais voltada para os sentimentos. A análise dos dados se deu através da construção de um banco de dados no programa Excel 2003, buscando a categorização convergente e divergente.

O perfil dos alunos apresentou, em sua maioria, alunas pertencentes à faixa etária entre 20 e 25 anos, do sexo feminino, solteiras, pertencentes a religião católica.

Quanto ao significado da Morte, verificou-se que todos os alunos das distintas séries entendem que a Morte faz parte do ciclo natural da vida. Segundo os autores, atualmente, o Homem tem mudado sua visão de Morte e pode-se considerar essa mudança com muita rapidez em relação aos sentimentos expressos sobre ela, não tendo ainda, havido tempo para absorverem o real significado da temática em questão. A reação manifestada no primeiro momento, em contato com a morte de alguém foi de pânico/desespero e insegurança. E ao prestar cuidado ao paciente terminal, o sentimento foi de ansiedade. Os graduandos esperam que os cursos de Enfermagem ofereçam subsídios para o enfrentamento de situações com Morte, uma vez que, o entendimento dos alunos sobre os pacientes terminais foi o de uma profunda 'sensação de fragilidade'. As fontes de informação apontadas por estes alunos sobre o tema foram: os filmes, a religião, os livros/apostilas, palestras e o próprio curso de graduação em Enfermagem.

As autoras perceberam, desta forma, que os alunos não estão preparados para cuidar do paciente terminal. Estes demonstraram: ansiedade, estresse, insegurança, o que dificulta uma futura atuação, no que se refere ao apoio e conforto necessário ao paciente. Estes alunos argumentaram que é importante discutir e refletir sobre os dilemas do conceito da Morte, através da viabilização do desenvolvimento de mecanismos que tornem esses futuros profissionais, mais aptos para lidar com essa situação. Assim, é necessário oferecer suporte emocional aos acadêmicos de Enfermagem, sendo relevante a implementação de uma educação tanatológica na graduação, a fim de desenvolver a capacidade, especialmente dos discentes, no enfrentamento da Morte.

Sadala e Silva (2009), no trabalho: **Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de Enfermagem**, artigo de cunho qualitativo, com abordagem fenomenológica, objetiva compreender como os alunos de

graduação em Enfermagem percebem-se ao cuidar de pacientes em fase terminal e como esses expõem os significados da experiência vivida. Foram entrevistados para tanto, 14 alunos de graduação em enfermagem, com idades entre 21 e 25 anos. Nesse estudo, foram predominantes os alunos do sexo feminino, alunos estes, cursando o 2º; 3º ou 4º anos de graduação em Enfermagem, onde todos já haviam vivenciado o cuidar de pacientes terminais.

As entrevistas foram gravadas e os entrevistados foram interrogados quanto a: Como se mostra a você o cuidar do paciente na fase terminal da doença? Surgiram então, três temas essenciais: **defrontando-se com a situação de cuidar do paciente em fase terminal; relação com o paciente e sua família; a reflexão sobre a experiência.**

Os alunos referem à preocupação da formação biologicista, voltada para o ensino técnico-científico e a falta de capacitação profissional para os aspectos psicossociais do cuidado paliativo e para o ensino fiscalizador, preocupado com a avaliação comportamental vista pelos professores nos estágios. Outro aspecto que denotou preocupação foi: como resolver os sentimentos de medo, ansiedade e insegurança ao cuidar do paciente que está morrendo? Todos os participantes relataram que apresentavam pouca experiência com esse tipo de paciente e referiram a necessidade de um convívio e oportunidades mais efetivas quanto ao cuidar destes pacientes terminais. Os alunos entendem que falta de apoio externo para lidar com as dificuldades representa um fator importante para o aumento da tensão quando o objetivo é o cuidado ao paciente terminal.

Apesar da disciplina de 'Relacionamento Enfermeiro-Paciente' oferecer subsídios para os alunos interagirem com pacientes terminais, esses sentem grande ansiedade, o que atuaria como barreira na comunicação, bloqueando um cuidar efetivo.

As autoras afirmam ainda que:

[...] Não cabem aos enfermeiros e nem aos docentes mudarem esse modelo que obedecem as normas do sistema político e econômico vigente. Porém é possível discutir e refletir sobre os efeitos do modelo na assistência à saúde e elaborar propostas para introduzir, na formação profissional, objetivos e conteúdos visando habilitar os enfermeiros para assumir o cuidado integral do paciente. Preparar profissionais voltados para o cuidado humanístico, talvez seja uma possibilidade para alterar essa realidade, partindo de mudanças na prática do cuidar [...] (SADALA; SILVA, 2009, p. 294)

4 METODOLOGIA

Na pesquisa científica se mantém uma estratégia sistematizada, capaz de responder aos objetivos propostos no final do trabalho. Essa se desenvolve mediante a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (GIL, 2002).

Segundo Andrade (2004), a finalidade da pesquisa científica pode ser classificada em “ciência pura” quando o objetivo é adquirir conhecimentos, em “ciências aplicadas” quando objetiva as aplicações práticas, ou seja, sua finalidade é concorrer para o progresso das ciências através de novas descobertas.

Assim, a metodologia que acreditamos ser mais adequada a presente investigação é a Qualitativa, uma vez que, apesar de quantificar o disposto bibliográfico e retratar o valor numérico de quantas fontes foram encontradas acerca do tema, se faz mister também, discorrer quanto a qualidade que estas citações nos inferem mediante o que nos é informado, preenchendo assim, as nossas necessidades de descobertas (BUENO, 2001).

Segundo Minayo (2001), a metodologia qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, trabalhando dentro de um universo de significados, crenças, aspirações, valores e atitudes.

O estudo proposto foi exploratório documental, pois, caracteriza-se como um conjunto de etapas ou passos que devem ser seguidos para a produção da pesquisa, uma vez que todo método depende do objeto da investigação Cervo e Bervian (2002), esse método tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Embora o planejamento desta pesquisa seja flexível, este assume a forma de pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

A técnica utilizada foi a da documentação indireta, pois, esta está diretamente relacionada à pesquisa bibliográfica, desta forma, a técnica, passa a apropriar-se de um conjunto de normas de cada área da ciência onde é, especificamente, usada. Assim, a coleta de dados relaciona-se, à técnica, ou seja, à parte prática da pesquisa, sendo a instrumentação específica para cada coleta de dados (ANDRADE, 2004).

Desta forma, a pesquisa se divide em várias tipologias e a que será enfocada neste estudo, será a pesquisa quanto ao objeto, enquadrando-se perfeitamente na pesquisa bibliográfica (ANDRADE, 2004).

Para Minayo (2001), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Este tipo de pesquisa busca conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do passado, existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. Sua importância relaciona-se ao fato de demandar conhecimentos de termos técnicos e sinônimos, imprescindível a qualquer pesquisa científica. Assim, registrar e organizar os dados bibliográficos obtidos e empregados na pesquisa científica, possibilita: descrever, recolher e analisar as principais contribuições sobre um determinado fato, assunto ou idéia.

Desta forma, em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, a escolha do tema, como em qualquer pesquisa, não é tão difícil, visto que, em se tratando de pesquisa científica, existem vários temas passíveis de serem abordados, mas, é de fundamental importância que a temática seja de domínio e interesse do pesquisador.

Como fundamenta Gil (2002),

[...] a tarefa de realizar uma monografia ou dissertação por si só é bastante árdua, mesmo para os que estão motivados pela busca do conhecimento. Logo, pesquisar a respeito de um assunto pelo qual se tenha pouco, ou nenhum interesse, pode tornar-se uma tarefa altamente, frustrante [...] (GIL, 2002, p.60).

Andrade (2004) elucida que é fundamental termos esta oportunidade, mas, há que se estar ligado a atualidade, visto que, não há interesse histórico ou documental em buscar alguns temas que já se encontram superados. Outro fator a ser considerado é a não utilização de assunto que tenha sido objeto de muitos e recentes estudos, pois, dificilmente, seria abordado de uma forma original ou inovadora. Da mesma forma, um tema obscuro, de interesse de poucos iniciados, atenderia aos critérios de relevância.

Cervo e Bervian (2006) nos relatam ainda, que o tema de uma pesquisa é qualquer assunto que demande melhores definições, melhor precisão e clareza acerca do que já foi produzido a respeito.

Seguindo a fundamentação dos teóricos em questão, o nosso tema se volta para a temática Morte e o morrer, temas que têm sido timidamente abordados na formação acadêmica de Enfermagem, ou seja, a fase final da vida tem sido pouco falada e muito negada. E é com base nesse argumento, que se fundamenta a relevância deste estudo.

Portanto, após a escolha do tema, é necessário realizar um levantamento bibliográfico preliminar, a fim de delimitar o assunto, fundamentando-o para a elaboração do problema, visto que, apenas o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica na produção atual sobre a temática sem qualquer aprofundamento histórico pode dificultar a definição do tema (GIL, 2002).

A formulação do problema da pesquisa é algo extremamente significativo, pois, qualquer tema pode ser estudado sob várias perspectivas, além disso, a formulação do problema prescinde de ser original, e em muitos casos, um problema de pesquisa inédito deve ser formulado. Tal processo pode levar tempo para ser bem definido e, muitas vezes, a separação entre as etapas do levantamento bibliográfico preliminar e da formulação do problema fica nítida. Contudo, esse levantamento é de fundamental importância para a formulação do problema, uma vez que, somente através deste processo é se torna possível 'clarear' melhor o que o pesquisador realmente necessita (GIL, 2002).

Não se inicia a investigação propriamente dita, enquanto o tema permanece em nível de discurso, pois, esse deve ser questionado exaustivamente pela mente do pesquisador, que através de seu esforço de reflexão e curiosidade será possível compor um problema de pesquisa, assim, foi importante identificar as dificuldades que ele sugere. A formulação de perguntas e o levantando de hipóteses significa que o pesquisador já pode adentrar ao conhecimento científico (CERVO; BERVIAN, 2006).

Através de tal disposto é que nosso problema foi formulado: Como a Morte e o morrer, segundo a literatura científica, vêm sendo abordados e enfrentados por docentes e discentes nos cursos de graduação em Enfermagem?

É importante ressaltar que, a presente investigação não demanda aprovação do comitê de ética em pesquisa com seres humanos, já que o mesmo representa a

busca de levantamento virtual e impresso, não havendo, portanto, envolvimento com seres humanos.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho foi realizado através de buscas em teses e dissertações produzidas nos Programas de Pós-graduação da Universidade de São Paulo e nos periódicos com conceito Qualis A₁, A₂ e B₁, B₂, visto serem os periódicos com melhor avaliação. Periódicos estes, publicados somente após um rigoroso crivo científico para a aceitação e publicação de artigos, além de livros elaborados a partir de pesquisas de cunho científico.

Desta forma, observados estes critérios, foram acessados os conteúdos das bases de dados: MEDLINE, LILACS, BIREME, SCIELO, BDEFN, relativas às publicações restritas ao período de produção dos últimos cinco anos (2005, 2006, 2007, 2008, 2009). Inicialmente, acreditamos que três anos seriam suficientes, contudo, em razão das nossas hipóteses, preferimos ampliar a amostra a fim de buscar maior segurança na apresentação dos resultados, bem como, abranger as publicações capazes de perfazer o período necessário à graduação de um aluno de Enfermagem no Brasil que é em média de 5 anos.

Utilizamos para a busca nessas bases de dados, a combinação das seguintes palavras-chave: **Educação, Morte, morrer, docente e discente, Enfermagem.**

As buscas se deram no período de julho a outubro de 2009. Não foi encontrada nenhuma tese ou dissertação produzida por discentes da Universidade de São Paulo, como foi pré-estabelecido nos critérios de inclusão e exclusão. Foi localizada apenas uma dissertação produzida em 1984, data que não atende ao recorte temporal estabelecido pelo presente estudo definida pelos últimos 5 anos (2005, 2006, 2007, 2008, 2009).

Na busca empreendida nas bases de dados também neste período, foram encontrados 12 artigos em periódicos com qualis A₁, A₂ e B₁, B₂, realizando busca individual em cada periódico, no período proposto. Foram encontrados ainda quatro capítulos de dois livros diferentes abordando a temática da morte na formação acadêmica dos alunos de graduação em Enfermagem.

O desenvolvimento da pesquisa aconteceu mediante a leitura exploratória, seletiva, analítica, interpretativa e após elaboração de fichamento, a partir do conceito de Gil (2002), como descrito abaixo:

Leitura exploratória – “É uma leitura do material bibliográfico em questão, que tem por objetivo, verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa” (GIL, 2002 p.129).

Nesta etapa da pesquisa serão lidas diversas obras que versam sobre o tema, realizando-se, portanto, uma seleção inicial do material pesquisado.

Leitura seletiva – “Após a leitura exploratória, procede-se a sua seleção, ou seja, à determinação do material que de fato interessa à pesquisa” (GIL, 2002 p.129).

Leitura analítica – “A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa.” (GIL, 2002 p.129).

A leitura analítica adequada perpassa pelos seguintes momentos: **leitura integral** da obra ou do texto selecionado, para interagir com o todo. **Identificação das idéias-chaves**, pois, muitas vezes, é através da leitura atenta que se identificam palavras, frases e até parágrafos que sintetizam as idéias mais importantes. **Hierarquização das idéias**: seguindo a ordem de importância organizam-se as idéias, distinguindo as principais das secundárias, definindo-se assim, tantas categorias de idéias sejam necessárias para a análise do texto. **Sintetização de idéias**. Consiste em recompor o descomposto eliminando o que é secundário, atentando-se para o mais importante à resolução do problema.

Leitura interpretativa– “É a mais complexa, já que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução” (GIL, 2002 p.129).

Portanto, a elaboração de fichamentos foi amplamente utilizada neste estudo, uma vez que a mesma possibilita a elaboração de resumos. Foram ainda catalogadas as obras consultadas e as informações necessárias para a execução do estudo foram devidamente armazenadas.

É importante ressaltar que a importância da confecção de fichamentos é diretamente proporcional à magnitude do trabalho, pois, estes permitem uma melhor uma síntese do material selecionado sobre determinado tema, bem como, um melhor entendimento para sua posterior discussão.

O próximo passo não é a produção da redação do relatório; mas, sim, a “construção lógica do trabalho, que consiste em organizar as idéias, tendo em vista atender os objetivos para que ele possa ser entendido como uma unidade dotada de sentido” (GIL, 2007, p. 87). Essa etapa se faz necessária, uma vez que, após a organização das idéias, é neste momento que ocorre a construção do plano definitivo.

Em seguida, é empreendida a análise dos dados encontrados nos periódicos, e nos livros, que segundo Minayo (1994),

[...] a palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à idéia de classe ou série. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa [...] (MINAYO, 1994 p. 70).

Foram encontradas, respectivamente, três categorias para revisão de literatura dos livros e três categorias para revisão de literatura dos artigos respectivamente: **1-A morte e a tentativa de conceituá-la; 2-A Tanatologia e a Universidade; 3-A formação acadêmica dos enfermeiros sobre a temática Morte-morrer; e; 1-Os discentes de Enfermagem e o convívio com a Morte; 2-O docente em Enfermagem convivendo com a Morte e as habilidades para ensinar; 3-A formação acadêmica dando suporte para visão crítico-reflexiva sobre a temática Morte-morrer.**

Em definitivo, segue-se a redação relatório que como todo processo de construção da pesquisa, tem que ser cuidadoso, seguindo normas. O relatório redigido para outros pesquisadores diferem-se do redigido para o público em geral, bem como, dos destinados as autoridades governamentais (GIL, 2007).

Um efetivo relatório prescinde de conter o problema da pesquisa redigido claramente, inserindo-o no contexto amplo apontando as razões que determinaram sua investigação. Por conseguinte, a metodologia tem que ser cuidadosamente descrita e a obtenção dos resultados devem também ser criteriosamente descritos para finalizar com as conclusões e sugestões (GIL, 2007).

4.1 Procedimento

- 1º Definição do tema a ser pesquisado;
- 2º Definição do tipo de pesquisa (Levantamento bibliográfico);
- 3º Definição das palavras chaves do estudo;
- 4º Definição do período do levantamento bibliográfico (5 anos);
- 5º Definição das fontes (on-line, e escrita / através de revistas eletrônicas, livro de acervo pessoal);
- 6º Elaboração final do projeto (Introdução, Objetivos, revisão da literatura preliminar e etc.);
- 7º Elaboração do quadro sinótico das buscas, incluindo referências completas, categorias (livro, periódicos, teses e dissertações), por ano;
- 8º Divulgações preliminares dos resultados em eventos científicos e publicação em periódicos e livros;
- 9º Defesa do EQ;
- 10º Resultados e discussões;
- 11º Considerações finais;
- 12º Divulgação e publicações dos resultados finais;
- 13º Defesa do Mestrado.

5 RESULTADO E DISCUSSÕES DA LITERATURA CIENTÍFICA ENCONTRADA

Os resultados serão apresentados concomitantemente, às discussões e comentários. Primeiramente, serão apresentados os quadros dos dados da literatura científica levantada, usando para tanto, as categorias dos livros e artigos de periódicos nacionais, utilizando as fontes, as referências completas, palavras-chave e o ano, atendendo com isso, o período de cinco anos, a partir de 2005 até 2009, apropriados das bases de dados MEDLINE, LILACS, BIREME, SCIELO, BDNF e da Biblioteca Central de Ribeirão Preto.

1ª Parte: Livros e Capítulos de Livros

Quadro 1: Livros e Capítulos de Livros encontrados sobre a Morte de 2005 a 2009

FONTE	REFERÊNCIA (Livros)	PALAVRAS CHAVE	ANO
Livro 1 BCRP	INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. A Arte de Morrer–Visões Plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. p.302	Educação e a Morte e o morre	2007
Livro 2 BCRP	KOVÁCS, M.J. Educação para a Morte: Desafio na Formação de Profissionais de Saúde e Educação. 2ª ed São Paulo: Casa do psicólogo; 2008. p.175	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2008
FONTE	REFERÊNCIA(Capítulos)	PALAVRAS CHAVE	ANO
Livro1 Cap. 9. BCRP	SANTOS, F.S. Conceitos de Morte In: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. A Arte de Morrer–Visões Plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. P. 88-95. cap. 9	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
Livro1 Cap.28 BCRP	SANTOS, F.S A Tanatologia e a Universidade In: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. A Arte de Morrer–Visões Plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. P. 289-302 cap. 28	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
Livro1 Cap.19 BCRP	BOEMER, M.R. Enfermagem e Morte In: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. A Arte de Morrer–Visões Plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. P. 189-195. cap. 19	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
Livro 2 Cap.1	KOVÁCS, M.J Os Profissionais de Saúde e Educação e a Morte, no subtítulo a Formação dos Profissionais de saúde Medicina e	Docente e discente de Enfermagem,	2008

BCRP **Enfermagem.**In KOVÁCS, M.J. Educação para a **Morte e morrer**
 Morte: Desafio na Formação de Profissionais de
 Saúde e Educação. **2ª ed São Paulo: Casa do**
psicólogo; 2008 p.33-34 cap.1

Obs. Não foram encontrados livros nacionais através da busca com as palavras-chave Educação e a Morte e o morrer e Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer, antes de 2007 (caracterizando a procura dentro dos últimos 5 anos: 2005-9)

Através das leituras exploratórias, seletivas, analíticas e integrais realizadas nos livros e capítulos dos livros da revisão bibliográfica científica, pertinentes a temática identificadas através das palavras-chave, foi empreendida a hierarquização das idéias, procedendo-se, em seguida, com a síntese desses capítulos, concluindo pela leitura interpretativa.

Dando prosseguimento à análise dos dados, emergiram três categorias: **1 - A morte e a tentativa de conceituá-la; 2 - A Tanatologia e a Universidade; 3 - A formação acadêmica dos enfermeiros sobre a temática Morte-morrer.**

Quadro 2: Ordenação de categorias com Livros e Capítulos dos Livros (2005-9)

Categorias	A morte e a tentativa de conceituá-la	A Tanatologia e a Universidade	A formação acadêmica dos enfermeiros sobre a temática Morte-morrer.
Livros e Capítulos.			
Livro1 Cap. 9	X		
Livro1 Cap.28		X	
Livro1 Cap.19			X
Livro 2 Cap.1			X

Na primeira categoria **1 - A morte e a tentativa de conceituá-la**, podemos destacar que no capítulo 9 do livro 1, Santos (2007) traz uma tentativa de clarear a conceituação da Morte, pois, a história nos afirma que até um dado momento, a Morte foi familiar. As pessoas percebiam os signos ou sinais da Morte e então se preparavam, organizando e colocando-se sempre à frente de todo o ritual dedicado

a partida iminente. Os bens eram divididos, havia o pedido de perdão pelas suas faltas cometidas em vida, sem que nada ficasse 'pendente'. Eram comuns ainda, os rituais abertos aos amigos, vizinhos e às crianças, destituindo-os de apelos emocionais. Sentia-se a partida, mas, entendia-se que esta fazia parte do processo de viver, como o foi relatado por Ariès (2003); Santos (2007); Boemer (2007) e Kovacs (2008).

Conceituar a Morte é deveras difícil. Dadas às mudanças pelas quais a sociedade passou no decorrer dos séculos. No saber e entender da população percebe-se que o descrito corrobora com o parágrafo supracitado, pois, em tempos passados, a Morte era vista como familiar, contudo, a partir do final do século XIX e início do XX, esta se tornou um tabu, interdita e escondida; provida de características como a dor, a perda, a ausência; não sendo mais vista como um não processo natural.

Como conceituar, então, algo que não queremos ver? Buscou-se assim, meios tecnicistas e fisiológicos para essa definição, ou seja, a Morte se definia como o fim da respiração e/ou dos batimentos cardíacos, denotando assim, a Morte do ser humano.

Contudo, a tecnologia avançou e através de todo um novo aparato a fim de manter a vida através de aparelhos, fez com que o estudo científico tivesse de ser aprofundado. Percebeu-se então que não apenas os batimentos ou a respiração eram fatores preponderantes para essa Morte, e sim, o poder orgânico de manter-se em equilíbrio, a homeostase. Descobriram ainda que se o cérebro fosse afetado em uma determinada estrutura, toda a 'vida' cessaria, podendo somente ser mantida uma vez que o corpo estivesse acoplado a aparelhos. Desta forma, a morte cerebral foi instituída trazendo um grande desconforto, pois, aceitar e entender que seu ente está morto, apesar de saber que seu coração ainda bate. Se o coração bate significa, realmente, que houve uma mudança na percepção dessa população de que a Morte deixou de ser cardiocêntrica para ser encefalocêntrica?

Somente com a educação para a Morte, será possível ensinar que este é um processo, e que muitas vezes, ela chega, abruptamente, através de acidentes, catástrofes, contudo, ela representa ainda, a única certeza que realmente temos enquanto estamos vivos, porque o restante, não passa de possibilidades.

Na segunda categoria **2 - A Tanatologia e a universidade**, abordada no capítulo 28, também do livro 1, Santos (2007) discute a importância da Tanatologia e de sua definição como o estudo científico sobre a Morte e todo o processo de morrer sob seus mais diversos aspectos. Essa área começou ser difundida há pouco tempo pelos desafiadores e pioneiros Feifel e Kübler-Ross. No Brasil, este estudo é mais novo ainda, pois, foi somente a partir da década de 70 que os primeiros vultos começaram a surgir. Contudo, ainda são poucos os investimentos nessa temática, apesar das tentativas de expansão e crescimento desse saber, em virtude de esta temática ter sido banida dos centros acadêmicos por muito tempo, dificultando assim, a sua difusão. Com isso, o saber científico sobre a Morte e o morrer esteve 'amordaçado'. Tal fato influenciou a formação acadêmica de algumas especialidades dos cursos da área de saúde no sentido de um saber biologicista, preocupado com o técnico-científico, baseado, principalmente, no Positivismo, assim, apesar do convívio diário com a Morte, estes profissionais não receberam a preparação crítico-reflexiva necessária para conviver com ela.

Em relação à terceira categoria **3 - A formação acadêmica dos Enfermeiros sobre a temática morte-morrer** constantes no capítulo 19, do livro 1 de Boemer (2007) e do capítulo 1 do livro 2 de Kovács (2008) depreende-se que, devido aos avanços tecnológicos, a formação dos profissionais fundamenta-se na cura, na medicalização, e na visão da Morte como sinônimo de fracasso, tal qual 'perder a guerra para o inimigo', o que tem acarretado angústia, medo e descontentamento àqueles repensáveis pelo tratamento e/ou cuidado daqueles pacientes cujo único prognóstico é estar caminhando para Morte. Desta forma, a percepção de assegurar dignidade ao restante de vida que resta ao paciente; seja 1 ano, 1 mês ou 1 dia, é recente, uma vez que, os cuidados paliativos surgiram somente em meados da década de 90 e nem todos os profissionais da saúde estão preparados para lidar com esse grupo de pacientes (FIGUEIREDO; FIGUEIREDO, 2007)

Verifica-se assim que, a formação acadêmica destes cursos urge por mudanças, em virtude também do envelhecimento da população. A Ciência ainda não conseguiu ser onipotente a ponto de curar todas as doenças. Portanto, preparar esses novos profissionais da saúde, para um tratar / cuidar humanizado e crítico-reflexivo passou a ser obrigação das universidades.

Conforme o exposto, percebemos que a literatura dos livros e dos capítulos de livros encontrados nos inferem que estão ocorrendo mudanças para o entendimento da Morte, apesar de, em passos lentos. Na Enfermagem, estas questões deixaram de ser necessidade na formação, para constituir um processo reivindicatório à compreensão desta temática, uma vez que, os profissionais que convivem diretamente com a Morte, o acidente, a catástrofe, a doença sem cura, em suma, um prognóstico reservado, ruim; também estão adoecendo emocionalmente, por não terem sido preparados para esse turbilhão constante de sentimentos em seu cotidiano profissional. Os autores afirmam que nos hospitais, a dor, a Morte e a doença foram interditas em um pacto de costumes sob novos códigos e formas de relação. Tudo isso, desencadeia uma sobrecarga mental, que acrescida da carga física, gera de alterações afetivas, desencadeando fenômenos de ordem psicológica, psicossociológica e ainda neurofisiológica, produzindo um grande aumento da medicalização, agravos psíquicos e suicídio desses profissionais (POPIM; BOEMER, 2006 apud PITTA, 1990).

2ª Parte: Periódicos

Quadro 3: Artigos de Periódicos encontrados sobre morte de 2005 a 2009

FONTE	REFERÊNCIA	PALAVRAS CHAVE	ANO
01 BVS LILACS	CARVALHO, Lucimeire Santos; SILVA, Cátia Andrade; SANTOS, Ana Carla P. de Oliveira; OLIVEIRA, Milena Arão de; et. al. Percepções de Morte e Morrer na Ótica de Acadêmicos de Enfermagem. Estudo qualitativo. Online Brazilian Journal of Nursing , v. 5, n. 3, (2006). http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=489902&indexSearch=ID access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2006
02 BVS LILACS	CARVALHO, Maria Dalva de Barros; DO VALLE, Elizabeth Ranier Martins. Vivência da Morte com o Aluno na Prática Educativa Ciência, Cuidado e Saúde ; Maringá, v. 5, Supl., p. 26-32. 2006. http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5149/3335 access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2006
03 BVS SciELO	BRETAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. Rev. esc. enferm. USP , São Paulo, v. 40, n. 4, Dec. 2006 . Available from	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2006

LILACS	< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000400005&lng=en&nrm=iso >. access on 06 Oct. 2009. doi: 10.1590/S0080-62342006000400005.		
04 BDENF SciELO LILACS	CARVALHO, Lucimeire Santos; OLIVEIRA, Milena Arão da Silva; PORTELA, Sandra Cabral; SILVA, Cátia Andrade da; et.al. A Morte e o Morrer no Cotidiano de Estudantes de Enfermagem. R Enferm UERJ , Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out/dez. 2006. http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a10.pdf > access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2006
05 BVS LILACS	BERNIERI, Jamine; HIRDES, Alice. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. Texto contexto - enferm. , Florianópolis, v. 16, n. 1, Mar. 2007 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100011&lng=en&nrm=iso >. access on 06 Oct. 2009. doi: 10.1590/S0104-07072007000100011.	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
06 BVS SciELO LILACS	OLIVEIRA, José Rodrigo de; BRETAS, José Roberto da Silva; YAMAGUTI, Lie. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. Rev. esc. enferm. USP , São Paulo, v. 41, n. 3, Sept. 2007 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300007&lng=en&nrm=iso >. access on 06 Oct. 2009. doi: 10.1590/S0080-62342007000300007.	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
07 BVS SciELO LILASC	BELLATO, Rosenedy et al . A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. Acta paul. enferm. , São Paulo, v. 20, n. 3, Sept. 2007 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000300003&lng=en&nrm=iso >. access on 06 Oct. 2009. doi: 10.1590/S0103-21002007000300003.	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
08 BVS LILASC	SILVA, Alexandre das Mercês; SILVA, Maria Júlia Paes da. A Preparação do Graduando de Enfermagem para Abordar o Tema Morte e Doação de Órgãos R Enferm UERJ , Rio de Janeiro. ut/dez. 2007, vol.15, no.4 http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a12.pdf > access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2007
09 BVS LILASC	PINHO, Lícia Maria Oliveira; BARBOSA, Maria Alves. A Morte e o Morrer no Cotidiano de Docentes de Enfermagem Rev. enferm. UERJ ; Rio de Janeiro. abr/jun; 2008, vol. 16, nº 2 http://www.facenf.uerj.br/v16n2/v16n2a17.pdf > Access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2008
10	OLIVEIRA, Wilker Invenção Azevedo de; AMORIM, Rita da Cruz. A Morte e o Morrer no	Docente e discente de	2008

BVS LILASC	Processo de Formação do Enfermeiro. Rev Gaúcha Enferm. , Porto Alegre (RS), v. 29, n. 2, jun 2008 . http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaDeEnfermagem/article/view/5580/3191 > access on 06 Oct. 2009	Enfermagem, Morte e morrer	
11 BVS LILASC	TAKAHASHI, Carla B.; CONTRIN, Lígia M.; BECCARIA, Lúcia M.; GOUDINHO, Mirana V.; et.al. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem Arq Ciênc Saúde. v. 15, n. 3, jul-set. 2008. http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-15-3/IDN295.pdf > access on 06 Oct. 2009	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2008
12 BVS LILACS	SADALA, Maria Lúcia Araújo; SILVA, Fernanda Machado da. Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de enfermagem. Rev. esc. enferm. USP , São Paulo, v. 43, n. 2, June 2009 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200005&lng=en&nrm=iso >. access on 06 Oct. 2009. doi: 10.1590/S0080-62342009000200005.	Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer	2009

Obs.: Não encontramos artigos de periódicos nacionais, com busca diante das palavras-chave Docente e discente de Enfermagem, Morte e morrer, antes de 2006 (caracterizando a procura dentro dos últimos 5 anos: 2005-9)

Após as leituras referenciadas e realizadas nos artigos da revisão bibliográfica científica, identificou-se e hierarquizou-se as idéias-chaves. Então, procedeu-se a síntese dos textos, terminando com a leitura interpretativa.

Por conseguinte, converteu-se a análise dos achados em classificados, que permitiram construir três categorias: **1 - Os discentes de enfermagem e o convívio com a morte; 2 - O docente em Enfermagem convivendo com a Morte e as habilidades para o ensino; 3 - A formação acadêmica, dando suporte para a visão crítico-reflexiva sobre a temática Morte-morrer.**

Quadro 4: Ordenação categorias com Artigos de Periódicos

Artigos	Categorias Os discentes de Enfermagem e o convívio com a Morte	O docente em Enfermagem convivendo com a Morte e as habilidades para o ensino	A formação acadêmica, dando suporte para a visão crítico-reflexiva sobre a temática Morte-morrer.
Artigo 1	X		X
Artigo 2		X	X
Artigo 3	X	X	X
Artigo 4	X		X
Artigo 5	X	X	X
Artigo 6	X		X
Artigo 7		X	X
Artigo 8	X		X
Artigo 9		X	X
Artigo 10	X		X
Artigo 11	X		X
Artigo 12	X		X

Nesta primeira categoria: **Os discentes de enfermagem e o convívio com a morte** podemos destacar os seguintes artigos 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, convergiram-se, e estão expostos nos quadros 3 e 4.

Iremos começar com uma breve discussão sobre o artigo de número 3, realizado com alunos do 1º ano do curso de graduação em Enfermagem, ou seja, alunos que não haviam ainda feito estágio e/ou entrado em contato com pacientes, mas, que possuíam ‘pré-conceitos’ firmados pelo convívio sociocultural e familiar, em relação à Morte. Além da veemente certeza do senso comum de que viam a Morte como inimiga, tendo que lutar contra ela, para preservar a vida, observou-se também que estes acreditavam que com o passar das disciplinas e a aquisição de conteúdos científicos, seria possível ajudar a proporcionar a cura aos pacientes, estes se sentiam também, gratificados pelo cuidar. Isto posto, percebe-se já haver uma associação da Morte ao fracasso, proporcionando um entendimento de dor, perda, frustração, caso haja a morte do doente que irá ser cuidado.

Nos artigos de número 1, 4 e 6, os autores, praticamente, descrevem o mesmo resultado a respeito da percepção dos discentes em relação aos seus sentimentos. Estes alunos, quando deparados a situações de cuidar de pacientes no processo de morte ou mortos, sentiam muita dificuldade na relação aluno/paciente/familiares, além de angústia, medo, tristeza, ansiedade, frustração, culpa e alguns tomavam para si também, o luto da família. Os autores defendem ainda que não é somente através do estímulo às habilidades dos alunos para cuidarem de pacientes terminais que o problema será solucionado, mas, sim, através da abertura de espaços para reflexão, pois, há um importante fator sociocultural que influencia esses alunos, fator este, já pré-existente.

O artigo de número 5 faz um panorama geral do preparo acadêmico de enfermeiros brasileiros, abrangendo desde a percepção dos alunos, quanto à morte vista como estigma, tabu e misticismo, até o preparo dos mesmos para vivenciar a Morte, o apoio oferecido pelos professores, e os sentimentos experimentados pelos acadêmicos, ressalta também, a vivência da Morte em campo de estágio.

Os autores argumentam que os acadêmicos têm opiniões variadas sobre o tema Morte-morrer, isso se dá pela vivência que cada um teve em seu percurso de vida, entendem ainda, que os alunos não estão preparados para lidar com o processo de Morte e morrer de seus futuros pacientes, devido a pouca oportunidade de refletir e discutir tal tema. Estes alunos desejam prestar uma assistência humanizada aos pacientes terminais, bem como, aos seus familiares. Porém, a maioria dos entrevistados sente dificuldade em lidar com tal situação, não sabendo como abordar os familiares e menos ainda como lidar com seus próprios sentimentos.

O artigo de número 10 descreve uma pesquisa realizada com alunos do último período de estágio do curso de graduação em Enfermagem e ressalta uma importante visão, percebendo que a morte ainda é um acontecimento que choca e traz muito sofrimento. Importante salientar que, são respostas dadas por futuros profissionais de Enfermagem, ou seja, dentro de pouco tempo estes acadêmicos estarão formados e ingressarão no mercado de trabalho, contudo, ainda não conseguem ter uma visão crítico-reflexiva e conviver com o processo de morte e morrer, de forma menos dolorosa.

O artigo de número 11 relata um estudo feito com alunos do 1º ao 4º ano do curso de graduação em Enfermagem, no qual participaram 132 alunos. Desses, independentemente do ano cursado, todos relataram dificuldades para cuidar do paciente terminal, demonstrando ansiedade, estresse e insegurança, dificultando assim, sua atuação no que se refere ao apoio e conforto necessário ao paciente. E em muitas vezes, afastaram-se e deixam de prestar um cuidado essencial, numa fase ímpar da vida.

O artigo de número 12 descreve um estudo realizado com alunos matriculados na disciplina de Relacionamento Enfermeiro/paciente, e buscou compreender como os alunos percebiam a si mesmos, cuidando de pacientes terminais. Esses alunos referiram uma experiência dolorosa, que os colocou diante de suas fragilidades e inseguranças. Referem que suas dificuldades podem ser decorrentes de sua própria incapacidade de aceitar a Morte e do despreparo emocional e inexperiência, ressaltando ainda que os profissionais com quem compartilham os cuidados não os apoiam.

Finalizando a reflexão dessa categoria, destacamos o artigo número 8, que relata uma especialidade da Enfermagem, pouquíssimo divulgada e muito específica, que é a temática da morte no que se refere à doação de órgãos, esse estudo foi realizado em um evento de estudantes de Enfermagem, através de questionamentos abordando a questão da doação de órgãos e a Enfermagem.

Os resultados mostraram-se preocupantes, pois, apesar de vários estados brasileiros estarem representados no evento, através da participação de estudantes de diferentes universidades do país, 92% dos entrevistados nem faziam idéia que existe a Organização de Procura de Órgãos – a OPO.

Em nossa realidade, a Morte é negada, interdita e os alunos não são preparados para vê-la. Quiçá, estão preparados para entender a importância da morte encefálica, o preparo para a doação de órgãos e a abordagem dos familiares, para que outras vidas sejam salvas.

A incongruência da mente humana nega a possibilidade do que os profissionais de saúde mais buscam, ou seja, de se prepararem para enxergar essa Morte, pois, sua profissão o preparou para salvar não apenas uma vida, mas, inúmeras vidas.

Hoje, verifica-se que, os cursos de graduação em Enfermagem pouco preparam seus alunos para o processo de morte, que dirá para as várias possibilidades de morte e seria utopia acreditar que preparariam estes estudantes para um tema tão específico quanto à doação de órgãos.

A segunda categoria: **O docente em Enfermagem convivendo com a Morte e as habilidades para ensinar** foram descritos nos artigos 2, 3, 5, 7 e 9, expostos nos quadros 3 e 4.

Como podemos perceber, alguns artigos estão presentes tanto na primeira categoria, quanto na segunda, uma vez que esses artigos abordam, muito claramente, também esta outra categoria. E todos os artigos são categóricos em expressar que os docentes são impelidos a desenvolver uma abordagem pedagógica técnico-científica, regida por normas, regras e rotinas numa atitude sem reflexão, mecanizada. Estes profissionais se voltam para a cobrança da postura e se mantêm distantes dos discentes, não proporcionando a abertura necessária aos questionamentos, principalmente, em relação aos sentimentos provindo do vivenciar o paciente terminal.

Os docentes justificam-se afirmando que as disciplinas apresentam um curto espaço de tempo para a abordagem do processo de Morte e morrer. Entendem a Morte sob a ótica de uma temática complexa para ser aceita e trabalhada, uma vez que esta temática, segundo eles, envolve diversas dimensões tais como: existencial, cultural e religiosa. E que a percepção da mesma, diverge para cada ser humano, denotando assim, que a grande dificuldade de se pensar de forma crítico-reflexiva, já que dentro de uma postura mais tradicional, muitas vezes, acabe por ser determinada pelo impedimento da operacionalização do diálogo, a respeito do tema aqui em foco.

Os professores assim, tentam demonstrar equilíbrio ao vivenciar a Morte, em campo de estágio, com seus alunos, contudo, muitas vezes, sentem-se despreparados para esse momento e ficam angustiados, com medo de não saberem como abordar a temática. Por conseguinte, não separam um espaço social para refletir a respeito, permanecem assim, sozinhos mesmo que necessitando de ajuda, pois, também vivenciam, tal qual seus alunos, um turbilhão de sentimentos inexplicáveis, uma vez também não foram formados para aceitar, vivenciar ou presenciar o que é tão comum no seu próprio dia-a-dia profissional, ou seja, a Morte.

Finalizando essa categoria trazemos o artigo de número 7, no qual foi construído o perfil de 34 docentes enfermeiros, que em sua maioria eram do sexo feminino, pertencentes à faixa etária entre 40 e 50 anos e que ainda mantinham vínculo assistencialista em outras instituições. Experientes, esperava-se que estes docentes deveriam possuir grandes oportunidades de sensibilizar os discentes no processo de Morte e morrer, possibilitando a reflexão, mas, para estranheza dos autores, estes profissionais reproduziam como fora, para eles, mostrada a Morte, demonstrando os mesmos sentimentos de todo e qualquer profissional de Enfermagem tais como: o medo, a frustração, incapacidade para manter a vida, diante do processo de morte e morrer. Tais quais os discentes inexperientes descritos nos artigos analisados até o momento, também os docentes negam a Morte e não são capazes de trabalhar este conhecimento. Eles não têm para si, o suporte emocional necessário para lidar com essa temática, que demanda uma profunda mobilização interna, reflexão do ser, disponibilidade para resgatar sentimentos e acima de tudo, despir-se de pré-conceitos tão arraigados advindos da sociedade.

Na terceira e última categoria: **A formação acadêmica dando suporte para visão crítico-reflexiva sobre a temática morte-morrer**, percebe-se a unanimidade dos artigos em referir que as universidades ainda não conseguiram introduzir a Tanatologia de forma crítico-reflexiva e ampla na sua grade curricular, apesar de existir em algumas universidades, disciplinas que abordam esta temática, contudo, todos os estudos demonstraram que os alunos precisavam de mais reflexão e discussão, para conseguirem desnudar-se dos pré-conceitos socioculturais ocidentais vivenciados desde a infância. Em suma, estes sujeitos apenas reproduzem as experiências vivenciadas na sociedade e em família, não querendo, ver, ouvir ou falar a respeito da Morte.

Entendemos, portanto, que não é apenas através da estimulação das habilidades dos discentes que iremos conseguir que estes apresentem um cuidar humanizado, especialmente ao paciente terminal. Temos consciência de que há a necessidade da mobilização interna de cada um e é por isso que a disciplina de Tanatologia deve ser bem elaborada e abrangente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que, nesse estudo o nosso pressuposto maior foi levantar dados da literatura científica tendo em vista a temática Morte, o morrer e a identificação dessa abordagem na formação acadêmica de Enfermagem, o tema foi localizado em dois livros e em quatro capítulos referentes à temática em questão. Foram localizados ainda, doze artigos, publicados nos últimos 5 anos, em diferentes periódicos. Não houve nenhuma tese ou dissertação que atendesse ao recorte temporal acima descrito. Por conseguinte, percebemos que os investimentos, especificamente, para a temática Morte, no decorrer do período selecionado, têm sido poucos. E que sua abordagem, na formação acadêmica de Enfermagem, pode ser considerada ínfima.

Todo o material levantado fundamentou-se no enfoque da necessidade da produção e publicação de mais estudos sobre a temática da Morte, sinalizando também para a urgência na introdução de uma visão crítico-reflexiva para o processo de morte e morrer na formação acadêmica, a fim de que haja uma modificação no olhar/pensar de que a Morte quando chega é sinônimo de fracasso e frustração para o profissional. Tema este que deve ser trabalhado de forma essencialmente efetiva.

Reportando aos docentes, depreendemos que esses se sentem desamparados, perdidos e temerosos sobre o que falar aos seus alunos no momento da Morte de um cliente. Sentem-se inseguros a respeito de como irão expressar a Morte, tanto para os alunos como para os familiares, pois, também eles vivenciam um turbilhão de sentimentos, tal como, a percepção que são finitos, e também sentem o medo da Morte. E não poderia ser de outra maneira, pois, também eles, tiveram sua formação exatamente igual a aquela que estão reproduzindo. Como então ensinar o processo de Morte ou morrer se também os docentes não aprenderam a refletir sobre o tema? E nem ao menos compreendem que a Morte não se antepõe à vida. Como ensinar então, aquilo que nunca foi aprendido?

Os grupos que abordam a temática morte/morrer/luto, nos diversos espaços, principalmente, nas universidades, devem promover encontros e providenciar meios

alternativos a fim de unir forças, devem divulgar seus trabalhos, produzindo assim, cada vez mais conhecimentos, especialmente, buscando socializa-los tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral, criando assim, redes capazes de produzir o crescimento das discussões e reflexões sobre o tema em questão, a Morte, uma vez que sua importância relaciona-se não apenas aos profissionais da saúde, mas, também a sociedade como um todo, proporcionando uma possível e desejada mudança de opinião.

É importante destacar ainda, a necessidade de novas pesquisas junto aos docentes das áreas da Saúde e Educação, a fim de que sejam definidas quais as carências e quais os melhores métodos de capacitação para estes profissionais, no sentido de proporcionar o aprendizado e os ensinamentos relacionados ao processo de morte e morrer, buscando ainda, a incorporação da percepção pessoal de cada um deles a fim de compor um 'panorama', o mais completo possível, sobre a Morte e o processo de morrer, temática unanimemente descrita, como complexa.

Há também a necessidade de se construir um programa de educação específico para a temática Morte e Morrer, tendo em vista a ação-reflexão-ação, dentro da abordagem crítico-social, para a efetiva transformação da realidade vigente, este programa seria aplicado aos novos docentes e também aos mais experientes, reciclando seus conhecimentos. Desta forma, esses docentes estariam capacitados para a construção de planos educativos voltados não só para o processo de cura, mas também, para o processo de morte e morrer, com dignidade.

Depreendemos assim, que tanto docentes como discentes precisam de uma educação científica para a morte e o morrer, mas, uma educação dialógica e crítico-reflexiva, respeitando os limites culturais de todos, em virtude da complexidade do tema, sua discussão terá de lidar com pré-conceitos enraizados há muito tempo no íntimo de cada um simplesmente, mudar conceitos e atitudes é um processo lento e cuidadoso, e que requer muita disponibilidade para doar-se ao outro; abertura para aceitar a crença do outro; paciência para entender que os seres humanos são diferentes e que aprendem e apreendem em momentos e tempos diferentes.

A morte faz parte de um processo e que não se antepõe à vida, por isso, se faz necessário o completo entendimento de que morremos a todo instante em que estamos vivos e que isso pode ser um processo tranquilo, se soubermos viver

intensamente o hoje, pois o amanhã, pode não existir. E este esforço e comprometimento recebe o nome de Educar.

Apesar de esforços e investimentos conhecidos como da UFRJ através do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Tanatologia e Subjetividade – NEPTS, responsável pelo estudo do processo de morrer no Serviço Social, a criação do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) na Faculdade de Psicologia da USP, o oferecimento de uma disciplina na graduação e outra na pós-graduação, pela Profª Drª Maria Júlia Kovács, trabalhos realizados e coordenados pelo Padre Léo Pessini dando ênfase aos aspectos éticos relacionados à Morte e ao morrer na Faculdade São Camilo-SP, citamos também um pioneiro do ensino, o médico o Prof. Dr. Tullio de Assis Figueiredo da UNIFESP que trabalha com cuidados paliativos e alunos de graduação do curso de Medicina e agora ministra, a disciplina optativa de Tanatologia na escola de Enfermagem, nessa instituição, a UNIFESP na cidade de São Paulo; a Profª Drª Maria Helena P. Franco da PUC-SP, com a criação do Laboratório dos Estudos sobre Luto; o NIPPEL Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Perdas e Luto coordenado pela Profª Drª Regina Szyllit Buosso e o trabalho da Profª Drª Maria Júlia Paes da Silva, pesquisando sobre comunicação não-verbal e os aspectos do cuidar, ambas as professoras da EEUSP-SP, citamos ainda, o filósofo Ayala Gurgel, coordenador do curso de formação em Tanatologia Hospitalar na Universidade Federal do Maranhão e fundador da liga Acadêmica de Tanatologia.

Deixando agora os meandros universitários, temos a experiência da Rede Nacional de Tanatologia coordenada pelo psicólogo Aroldo Escudeiro em Fortaleza - CE e os trabalhos do médico Evaldo Assumpção em Minas Gerais (SANTOS, 2007).

Pode-se citar ainda, o curso de Tanatologia, organizado pelo Profº Drº Franklin Santana, ministrado desde 2007. E a 1ª disciplina de Tanatologia da pós-graduação da FM-USP ministrada em agosto deste ano (2009), pelo mesmo professor.

Considerando todos estes aspectos, associados a outros, podemos, assim, perceber que todas essas propostas têm suas particularidades e enfatizam diversos olhares do processo de Morte e morrer, muitas vezes com diferentes públicos-alvo, metodologia e carga horária, isso tudo traz uma consequência grave, pois, pode ser a responsável pela divisão de forças, dificultando assim, a comunicação dos grupos entre si.

Isso pode ser constatado no momento em que as hipóteses propostas neste trabalho, foram comprovadas, ou seja, de que na Enfermagem existe um número reduzido de estudos sobre o tema em foco, o que poderia explicar, em parte, as dificuldades encontradas, tanto na prática, como nos cursos de Formação de Enfermeiros.

Outro aspecto importante é a não observação à necessidade do desenvolvimento de grupos interdisciplinares que poderiam contribuir enormemente no que se refere aos avanços no diálogo e compreensão do processo de Morte e morrer. É necessário assim que haja um maior dialogo entre outras áreas como: a Educação, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Psiquiatria, entre outras e a Enfermagem, áreas estas que tem se ocupando do tema, há muito tempo.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, R. A. A Morte como Conselheira. In: CASSAORLA, Roosevelt M.S. (Org). **Da morte: estudos brasileiros**. Campinas, SP: Papyrus, 1991. p.11-15.

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 165p.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias** (Trad: Priscila V. de Siqueira). Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2003. 312 p.

BELLATO, R. et al . A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 3, set. 2007 . Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0103-21002007000300003.

BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 16, n. 1, mar. 2007 . Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0104-07072007000100011.

BOEMER, M.R. et al. O tema morte: uma proposta de educação. **Rev. Gaúch. Enfermagem**. Porto Alegre, v.12, n. 1, p.26-32, 1991.

_____ et al. Dimensão pedagógica do tema da morte. **Educ. Méd. Salud**, v.26, n.3, p.430-443, 1992.

_____ **O Fenômeno Morte: o pensar, o conviver e o educar**. Ribeirão Preto, Tese (Livre-docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1989.

_____. Enfermagem e morte In: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. **A arte de Morrer**—visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. p. 189-195.

BUENO, S.M.V. **Educação preventiva em sexualidade, DST, AIDS, drogas e violência**. Ribeirão Preto, Tese (Livre-docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2001.

BRETAS, J. R. da S.; OLIVEIRA, J. R. de; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de Enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev. Esc. Enferm. USP**. São Paulo, v. 40, n. 4, dez. 2006 . Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000400005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0080-62342006000400005.

CARVALHO, L. S.; SILVA, C. A.; SANTOS, A. C. P. de O.; OLIVEIRA, M. A. de; et. al. Percepções de morte e morrer na ótica de acadêmicos de Enfermagem. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 3, 2006. Disponível em: www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=489902&indexSearch=ID. Acesso em: 06 de outubro de 2009.

CARVALHO, L. S.; OLIVEIRA, M. A. da S; PORTELA, S. C.; SILVA, C. A. da; et.al. A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de Enfermagem. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out/dez. 2006. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a10.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2009.

CARVALHO, M. D. de B.; DO VALLE, E. R. M. Vivência da morte com o aluno na prática educativa. **Ciência, Cuidado e Saúde**; Maringá, v. 5, Supl., p. 26-32. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5149/3335>. Acesso em: 06 de outubro de 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5ª Edição. São Paulo: Ed. Prentice Hall, 2002. 265p.

_____. **Metodologia científica**. 5ª reimpressão São Paulo: Pearson, 2006. 242p.

COSTA, J. C. da; LIMA, R. A. G. de. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, Apr. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Apr. 2009. doi: 10.1590/S0104-11692005000200004.

DURAND, G. **Campos do Imaginário**. 3ª Edição Lisboa: Instituto Piaget, 2005 184p.

FIGUEIREDO, M. G.M.C.A.; FIGEIREDO, M.T.A. Cuidados paliativos In: INCONTRI, D. & SANTOS, F. S. **A arte de morrer – visões plurais**. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. P.196-206

GUEDES, G. F.; OHARA, C. V. da S.; SILVA, G. T. R. da. Processo de ensinar e aprender em UTI: um estudo fenomenológico. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 61, n. 6, dez. 2008. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000600006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0034-71672008000600006

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2007. 208p.

INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. **A arte de morrer** – visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2007. p.302

KOVÁCS, M.J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. 1ª Reimpressão São Paulo: Casa do psicólogo; 2004.

_____. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. 2ª ed São Paulo: Casa do psicólogo; 2008

_____. Os profissionais de saúde e educação e a morte, no subtítulo a formação dos profissionais de saúde Medicina e Enfermagem. In KOVÁCS, M.J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. 2ª ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. (Trad. Paulo Menezes). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abraso, 2001.

_____. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.

OLIVEIRA, J. R. de; BRETAS, J. R. da S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, set. 2007. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0080-62342007000300007.

OLIVEIRA, W. I. A. de; AMORIM, R. da C.. A Morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. **Rev Gaúcha Enferm**. Porto Alegre (RS), v. 29, n. 2, jun 2008. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/5580/3191. Acesso em: 06 de outubro de 2009

PALÚ, L. A. et.al. A morte no cotidiano dos profissionais de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva. **Cogitare Enferm**; v.9, n.1, p. 33-41, jan.-jun. 2004.

PINHO, L. M. O.; BARBOSA, M. A. A Morte e o morrer no cotidiano de docentes de Enfermagem **Rev. Enferm. UERJ**; Rio de Janeiro. v. 16, n. 2., abr-jun; 2008, Disponível em: www.facenf.uerj.br/v16n2/v16n2a17.pdf. Acesso em: 06 de outubro de 2009

PIRES, J.H. **Educação para a morte**. São Bernardo do Campo, Espírita Correio Fraternal do A.B.C., março. 1984.

POPIM, R.C., BOEMER, M.R. **O cuidar em Oncologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 132p.

SADALA, M. L. A.; SILVA, F. M. da. Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, jun. 2009. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de outubro de 2009. doi: 10.1590/S0080-62342009000200005

SANTOS, F.S. Conceitos de morte In: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. **A arte de morrer** – visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. p. 88-95.

SANTOS, F.S. A Tanatologia e a universidade In: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. **A arte de morrer** – visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenios, 2007. p. 289-302.

SILVA, A. das M.; SILVA, M. J. P. da. A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos **Rev. Enferm UERJ**, Rio de Janeiro. out/dez. 2007, v.15, n.4. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a12.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2009.

TAKAHASHI, C. B.; CONTRIN, L. M.; BECCARIA, L. M.; GOUDINHO, M. V.; et.al. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. **Arq. Ciênc. Saúde**. v. 15, n. 3, jul-set. 2008. Disponível em: www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-15-3/IDN295.pdf. Acesso em: 06 de outubro de 2009.